

Kant em coma

André Rangel Rios

André Rangel Rios escreve textos acadêmicos e ficcionais. Mora no Rio de Janeiro e trabalha como professor de filosofia no Instituto de Medicina Social da Uerj. Sua tese de doutorado (Berlim, 1991) foi sobre os *futura contingentia* e a *scientia conditionata* em Francisco Suárez (1548-1617). Publicou: *A Ilha dos Prazeres* (1997), *Mediocridade e Ironia* (2001), *Nada ou isto não é um livro* (2001), *Ensaio sobre Suárez e Descartes* (2005) e *Celebridade Intelectual e Pensamento Crítico* (2005).

André Rangel Rios schreibt akademische und fiktive Texte. Er wohnt in Rio de Janeiro und ist Professor für Philosophie am "Instituto de Medicina Social" (Institut für soziale Medizin) in UERJ. Seine Dissertation (Berlin, 1991) handelte von *futura contingentia* und *scientia conditionata* bei Francisco Suárez (1548-1617). Er hat die folgenden Bücher veröffentlicht: *A Ilha dos Prazeres (Die Insel der Lüste)* (1997), *Mediocridade e Ironia (Mittelmäßigkeit und Ironie)* (2001), *Nada ou isto não é um livro (Nichts oder dieses ist kein Buch)* (2001), *Ensaio sobre Suárez e Descartes (Essays über Suárez und Descartes)* (2005) und *Celebridade Intelectual e Pensamento Crítico (Intellektuelle Berühmtheit und kritischer Gedanke)* (2005).

André Rangel Rios has written academic and fictional texts. He lives in Rio de Janeiro and works as a philosophy professor at the Institute of Social Medicine at the State University of Rio de Janeiro. His doctorate thesis (Berlin, 1991) was about the *futura contingentia* and the *scientia conditionata* in Francisco Suárez (1548-1617). He published *A Ilha dos Prazeres* (1997), *Mediocridade e Ironia* (2001), *Nada ou isto não é um livro* (2001), *Ensaio sobre Suárez e Descartes* (2005) and *Celebridade Intelectual e Pensamento Crítico* (2005).

31.1.6 – KANTTOTAL6

ANDRÉ RANGEL RIOS

Kant em coma

Romances, espetáculos chorosos, preceitos morais insípidos que brincam com as chamadas (embora falsamente) atitudes nobres, de fato, porém, tornam o coração seco e insensível à prescrição rigorosa do dever...

Kant, *Crítica da Faculdade do Juízo*

© by André Rangel Rios

Rio de Janeiro

2005

Com exceção dos personagens registrados em enciclopédias, qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Sumário

Prefácio do Autor	3
I – Kant em coma	8
II – Perda de tempo	50
III – Resistência	63

Prefácio do Autor

Apesar de os nomes de pessoas e lugares aparecerem alterados, ainda assim seria impossível que este livro tivesse sido escrito pelo Vítor. Quer dizer, poderia até ter sido escrito por ele em sentido estrito, como um texto particular, algo como um desabafo nunca publicado, mas nunca em sentido pleno, que é escrever e publicar. Não há nada de novo nisso: também Bento Santiago jamais poderia ter publicado o *Dom Casmurro*: seria oprobrioso para ele; se esse livro foi publicado, é porque Machado de Assis nos passou o Bentinho como sendo um autor ficcional e, conseqüentemente, também o ato de escrita e publicação como sendo igualmente ficcionais. Mas como Vítor Peckolt, mesmo mudando os nomes, poderia tornar pública sua conduta eticamente questionável durante o concurso do qual ele participava da banca? Afinal, isso – caso entendido meramente como uma canhestra denegação – arruinaria a vida profissional dele. Só por isso, é necessário que um outro assine como autor do livro, alguém que não esteja envolvido nos atos eticamente comprometedores (ainda que relativamente ingênuos) nele narrados. Enfim, embora na escrita do livro, Vítor tenha, de fato, tentado dissimular um pouco os acontecimentos, isso – seja por excesso de escrúpulos seja por desejo de privacidade – ainda lhe pareceu insuficiente: daí eu, em solidariedade ao amigo, me apresentar como o autor.

Em todo caso, o mais prudente é logo negar que estas histórias se baseiem em fatos reais. Para isso já foi acrescentado no início do livro, quer dizer, naquele espaço antes do corpo do livro (que oficialmente não faz parte do espaço ficcional do livro), a tradicional negativa de que “qualquer semelhança etc. é mera coincidência”; de modo que só me cabe lamentar se alguém se sentir coincidindo com o que foi imaginado aqui. Em

vista disso, temos de considerar que este livro é puramente de ficção. Ou seja, ainda que estas histórias fossem baseadas em fatos reais, o melhor seria negar que elas o são; assim, o mais adequado seria mesmo usar – e é o que acabo de fazer – o modo condicional: “Ainda que estas histórias *fossem...*”. O melhor é mesmo inventar tudo; não só mudar os nomes e lugares, mas, indo além, inventar os personagens; por isso, temos de postular que o Vítor Peckolt é um objeto ficcional. Talvez, em vez de Kant, eu devesse ter inventado também o nome de um filósofo. O problema é que, se tudo fosse inventado, onde estaria a fricção da ficção? Nisso não tem jeito, há que se deixar algo que os leitores e leitoras possam supor que seja próprio a uma realidade externa ao livro, porque, sem um mínimo de atrito com a suposta realidade externa, uma ficção não tem graça nenhuma.

O que se passa é que, estruturalmente, sendo o Vítor quem é (um professor universitário – além de ser um indivíduo responsável e pragmático – especializado em escrever eurocentricamente sobre um autor alemão famoso), ele, detentor de um emprego público, jamais poderia confessar publicamente ter agido antieticamente, pois isso certamente geraria desconfiança por parte de seus colegas, que, afinal, estão há anos habituados a considerar os *papers* de Vítor como não-ficcionais e são, portanto, praticamente incapazes de, assim de repente, entender estes três textos dele como literários, isto é, como não-acadêmicos, lhes sendo, antes, o mais natural entendê-los como a narrativa mal dissimulada do que ele realmente fez, além de uma patética nêmesis antiacademicista derivada de frustrações comezinhas ao ofício que, como parte das obrigações ditadas pelo exercício profissional responsável, deveriam ser suportadas em silenciosa resignação. De modo que, no fim das contas, havendo nos episódios descritos

elementos confessionais impublicáveis, o livro, enquanto narrativa autobiográfica, só poderia ser publicado se tais relatos fossem expurgados, ou se, em especial, o Vítor fosse expurgado do suposto reino da realidade para o reino da ficção. Enfim, se este livro foi publicado, é porque o Vítor, por mais que seja meu amigo, é, porém, com já disse, um ser quimérico.

Mas há mais um problema. Eu também apareço na narrativa, o que me contamina de ficcionalidade (seria possível, senão ficcionalmente, que eu, depois de ter sido feroz e repetidamente criticado, a meu ver injustamente, no corpo deste livro, ainda me dispusesse a ser deles o autor?). Sendo assim, o melhor seria que eu passasse adiante, para mais alguém, a autoria deste livro. A Catarina me lembrou que um imbricamento de autores, tal como está ocorrendo aqui, tem antecedentes nobres. É o caso, por exemplo, de um texto, redigido numa prisão americana, cujo autor, assumindo o esdrúxulo pseudônimo de Humbert Humbert, enviou-o para o doutor em filosofia John Ray Jr., que fez nele uma última revisão, para, por fim, deixá-lo aparecer juridicamente sob o nome de um certo Vladimir Nabokov. A estratégia, porém, não parece ter adiantado muito porque, apesar de ter ficcionalizado tanto assim a autoria do livro (e até de ter posto o autor putativo na cadeia), Vladimir não escapou da acusação de ser, ele mesmo, um autor obsceno, um indivíduo pervertido, afixado a um tema obnoxio. Hoje em dia, porém, a respeito do que seja obsceno, as coisas mudaram, não sendo mais as cenas de sexo que, neste livro, causaram repulsa, mas, sim, segundo alguns leitores e leitoras, as partes em que é feita referência à universidade e a suas mazelas. Foi sugerido veementemente ao Vítor que ele excluísse tudo o que se referisse à vida acadêmica e mantivesse, ou mesmo ampliasse, as cenas de sexo. Talvez isso tenha sido um bom conselho, mas o Vítor, como sempre

teimoso, não deu ouvidos, preferindo me entregar estes contos ou capítulos para que eu os editasse (pois ele, como se verá, desistiu de escrever literatura e, ao menos por ora, nem quer mais ver este seu *opus unicum*), mas com ordens claras de que eu, exceto para eliminar algumas incoerências gramaticais, não os mudasse em nada, de modo que agora publico, tal como me foi confiado, este livro, que, a meu ver, tem sido afoitamente considerado desigual, porque excessivo em suas alusões à universidade, e, portanto, tematicamente deselegante e até mesquinho. Vítor alega que são milhares os universitários no país e que, conseqüentemente, o cotidiano deles não pode ser tratado como um tema tabu. Na verdade, dou razão ao Vítor – e por isso aceitei ser o autor deste livro, ainda que apenas o autor ficcional –: não há por que devamos nos restringir a escrever apenas sobre temas que supostamente agradarão ao grande público – antes, é possível desenvolver uma escrita local –; sem dúvida, qualquer tema pode ser apropriado literariamente e, se o texto resultante for pouco lido, isso significa apenas que foi pouco lido, não que é inválido. Quantidade de leitores efetivos ou potenciais não é um critério supremo para que se aprecie um texto literário. De fato, os amigos e amigas, quando fazem a leitura prévia de um original, tendem a fazer dele as piores leituras possíveis: ou lêem o livro como se ele fosse uma autobiografia disfarçada, ou o lêem querendo julgar se o livro fará ou não um grande sucesso, enquanto o que o escritor geralmente queria era apenas que aquela pessoa, que ele supostamente conhece bem, lhe dissesse o que lhe chamou mais atenção (ou seja, que ela expressasse o efeito singular e momentâneo do texto sobre ela), de nada servindo ao escritor que essa pessoa, ao ler, se transvista em psicanalista ou em editor ganancioso. De fato, um escritor para deslanchar prazerosamente (ou penosamente) a escrita precisa já estar em

muito resolvido quer com sua auto-análise quer com a necessidade de ter sucesso. A obrigação de extrair de si uma verdade ou a de ganhar fama são basicamente dispositivos de bloqueio da escrita literária, ainda que, ao longo do processo de escrever e publicar, se possa, num jogo sempre perigoso, tentar, contrariando esses dispositivos, reverter alguns de seus efeitos mais perniciosos.

Augusto Ferreira Ramos

Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2005

Kant em coma

Levemente, quando o avião tocou o solo, sem solavancos, surgiu a estranha impressão de que as coisas podem dar certo de um modo suave e tranquilizador, o que, porém, pareceu quase uma afronta para quem tem acordado às quatro da madrugada, inquieto, ansioso, preocupado, com falta de ânimo em escrever mais um capítulo sobre o sublime em Kant, em ir ao fórum para assinar a separação, em conversar com o filho hostil, em pagar as enfermeiras que cuidam do pai. Terminada a aterrissagem, os passageiros aplaudiram o piloto, como se mérito e reconhecimento andassem naturalmente juntos, um pensamento incongruente com as vivências cotidianas mais banais, de modo que, se a saudação jubilosa dos passageiros ao piloto parecia redimir as constantes e mesquinhas injustiças do dia-a-dia, ela também poderia ser considerada cínica por ser meramente incidental, não sendo mais do que a expressão de alívio dos passageiros, temerosos com a perspectiva de um pouso num dia de chuva forte. Com essa reinterpretação da salva de aplausos como sendo egoisticamente motivada, minha irritação basal diminuiu um pouco; afinal, de resto, estava tranquilo, tendo sido talvez o único que não aplaudiu o piloto (como que buscando manter o mundo em sua ordem natural senão de injustiça, ao menos de indiferença; um esforço, é claro, dispensável, pois nisso nenhum auxílio é requerido), o que, de minha parte, era bem coerente, pois não sentira nenhuma apreensão com a aterrissagem, o que, por sua vez, talvez se explique não só porque usualmente não tenho medo em avião, mas por ter estado tomado, durante todo o tempo de vôo, pelas mesmas preocupações que me assaltavam nas madrugadas. Meu pai de

novo com pneumonia; minha ex-mulher azeda comigo; meu filho fugidio, taciturno e desmotivado para qualquer estudo. Com o avião taxiando, era eu que me punha a me causar preocupação por não sentir nenhum ânimo (“nenhum *Gemut*”, dizia-me uma voz interior, como que tentando me animar com uma piadinha infame) para enfrentar quatro dias de burocracia aporrinhante e dramática: decidir em uma banca quem, entre oito candidatos, mereceria uma vaga para professor. Um concurso com ênfase em Kant. Contando com o doutorado, há mais de vinte anos eu pesquiso e escrevo sobre Kant: ser convidado para essa banca seria mais uma pequena honraria pelo meu longo currículo; contudo, já estou também ficando velho suficiente para saber que, se fui chamado, é porque alguém não pôde vir, alguém que chamaram antes de mim; sempre há mais em jogo que méritos, sempre há algo mais com que não sei lidar, mas que acaba regendo as decisões quanto a convites. “Desta vez vocês vão ter que me engolir” (de novo essa voz na minha mente tentando, com gracejos, erguer meu ânimo – *Gemut* – e anular o meu ceticismo social), porque fui eu quem, contrariando a já mencionada “ordem natural” das coisas, veio para a banca exatamente no reduto do Ernando Cohen, um colega, agora aposentado, que sempre se dispõe a afável e espontaneamente ajudar a todos que lhe puxam o saco e lhe obedecem as ordens, e que nunca compreendeu por que nunca lhe fui simpático o suficiente para merecer não ser obstruído por ele quando meu nome era cogitado para convites e publicações. Custei vários anos para perceber que dele provinha um boicote tácito e concertado, que diria, entretanto, nunca explicitado nem deliberado. Achei que merecia alugar um carro para não depender de caronas ou de rachar o táxi com meus colegas de banca, um conforto que pude me prodigalizar porque estou gastando do dinheiro que, prevendo que me separaria, comecei a pôr de lado há dois

anos atrás, supondo que, para recompor a minha vida e talvez meu ânimo, precisaria de me engajar por alguns meses em um tipo de consumismo euforizante; se não me divirto comprando roupas e *gadgets*, sinto-me reconfortantemente mimado ao consumir facilidades e serviços. Já havia mudado a reserva para um hotel mais luxuoso, com vista para o mar, e negociara o prolongamento da minha estada pelo fim de semana para usufruir das praias. Com sorte – quem sabe a sorte, dando uma trégua, reaparecerá? –, o sol, após essa chuvarada, ressurgirá triunfante. “Pelo menos o sol, para aparecer, não depende de ninguém, de nenhum ser humano”, era de novo essa voz interior fazendo outro gracejo desajeitado, mimetizando meu estado de espírito pessimista em relação ao desempenho dos humanos. Se bem que, de fato, me sentia mais disposto a confiar em forças naturais impessoais que na boa vontade de meus colegas. No entanto, seria injusto pôr todos os humanos no mesmo saco; afinal, minha irmã é meu grande alento. “Se você fosse faraó, Vítor, você podia até dispensar governar o Egito, e certamente não faria uma pirâmide para você, mas não ia renunciar a casar com a sua irmã”, desta vez foi o infame do Augusto que me veio com essa piadinha. Depois de urinar, sentando-me numa poltrona no meu quarto, apreciando a vista cinza para o mar, lembrei que, desde que o Augusto operou o câncer na próstata, nunca mais urinei sem apreensão. Sei que, quando aparecem sintomas, o câncer já está adiantado; estando meu PSA normal, não tenho nada; sei disso, mas continuo, a cada vez, me perguntando se a urina não está sanguinolenta. Foi difícil ver o Augusto com aquela sonda drenando urina rósea: não esqueço a cena. Minha irmã agora faz mamografia a cada seis meses. Por sorte, minhas coronárias estão em ordem; por não fumar, escapei do destino cardiopático do meu pai, que, já tendo desentupido duas vezes as coronárias e posto *stent* em

duas delas, acabou, quando dirigia na volta de Cambinhas, tendo um enfarte, agravado quando, ao buscar atendimento em Niterói, ainda estacionou o carro, entrou na clínica e subiu um lance de escada, para só então ser examinado e, numa cadeira de rodas, seguir para o CTI, ficando na espera da ambulância para o Rio, da qual o médico, ao chegar, constatou para sua surpresa que o paciente não fora posto no oxigênio, o que levou, o que se viu logo depois, a que toda a massa cinzenta do cérebro, suboxigenda, morresse, deixando-o descerebrado, de cama, sem movimentos, cuidado por enfermeiras, já há quase três anos. Seria caso para eutanásia? De toda a forma, o médico tem que saber não exagerar no tratamento das intercorrências, embora antibióticos, se necessários, sempre sejam dados. Até que os sonhos comigo conversando com meu pai haviam diminuído: eles me despertavam durante a noite; se meu sono voltou a interromper-se na madrugada – sem que ocorram sonhos –, agora era, como me disse o Roberto, “insônia terminal”, que seria “comum em depressão”; se bem que, no meu caso, o mais exato fosse dizer, em vez de depressão, chateação. Afinal, tenho estado não só ocupado com coisas chatas, mas também tenho estado, o que é pior, cercado por chatos. Peguei este avião só para ficar esta semana toda me aborrecendo em um concurso chato, conversando com chatos e, o que é patético, chateando os candidatos. Na opinião do Augusto, porém, o problema seria a mediocridade; para ele, a mediocridade é pervasiva acometendo a todos no mundo; uma teoria de que eu, bebendo uísque, discordei contra-argumentando que, antes, a chatice sim fosse o grande mal do mundo, o que nos levou a discutir se a chatice seria um subgênero da mediocridade ou a mediocridade um subgênero da chatice. Discussão abstrusa que deixou a Catarina, mulher do Augusto, perplexa, sendo-lhe impossível se divertir com tais folguedos

intelectuais, aos quais, aliás, usualmente tampouco eu me entrego, mas a que me permiti porque estava exatamente entretendo o Augusto, que havia sido operado havia pouco tempo. Acreditando que, ao visitá-lo amiúde, estivesse lhe prestando solidariedade, enquanto, mais provavelmente, tal como o Roberto uma vez, quando descíamos no elevador, declarou, o nosso zelo em esparecer o amigo convalescente do câncer extirpado, no nosso caso – por nos emparelharmos em idade e, portanto, em risco –, seria um ritual apotropaico.

Encontrando os meus dois colegas de banca, que já haviam começado a analisar os currículos, pontuando, segundo uma tabela criteriosa e exaustiva, as diversas atividades e publicações de cada candidato, perguntei logo por que o Cohen não estava na banca. “Ele está ocupado ganhando dinheiro”, respondeu Rubem Vaz – o único professor dali mesmo na banca e era, aliás, quem havia organizado o concurso – o que suscitou um sorriso malicioso na cara torta de Joviano: “Ele está na diretoria lá daquela coisa, não é? Foi para isso que ele, depois de uma carreira gloriosa, se aposentou: para ajudar universidade caça-níquel a se locupletar”. “E a se locupletar ele próprio”, tartamudeou Rubem, concentrado em somar pontos, uma atividade que, é claro, me aborrecia, mas que parecia um passatempo inofensivo para aqueles dois, que diligentemente haviam somado quase todos os itens de cada currículo, o que me fez pensar que, sem me dar conta, talvez eu mesmo contribuísse para isso que eu sentia como sendo uma desconfiança ou rejeição em relação a mim, uma vez que não me mostrava nem burocraticamente nem academicamente eficiente, pois nem participava ativamente na promoção de eventos nem me dispunha a falar a cada vez que me convidavam, alegando ter que preparar com calma minhas apresentações que, ao final, se mostravam longas demais, resvalando para fora do tema

proposto, sem falar que eu mal tenho paciência de ouvir o que meus colegas têm a falar em palestras, pois tudo me parece repetitivo, além de eu ter passado a questionar – isto foi algo com que o Augusto me contaminou – a própria recepção que fazemos de Kant no Brasil. Ainda que eu nunca tenha chegado a ponto de dizer, como o Augusto o faz repetidamente, que somos serviçais do eurocentrismo, apenas levantar a questão de se não deveríamos organizar o currículo de filosofia de um modo diferente, já me rendeu olhares de incompreensão e desprezo, no que o que eu disse foi sumariamente desconsiderado pela exclamação, com força de certeza inconcussa, de que “se mudarmos o currículo de filosofia, então deixa de ser filosofia!”. Meu problema, de fato, não é o de que se trata de eurocentrismo; não vejo todo eurocentrismo como um problema; na verdade, às vezes acho que o que falta por aqui é ter mais eurocentrismo: na semana passada quando um rapaz bem vestido veio me encostando uma coisa escondida em baixo do casaco, que ele fazia parecer ser um revólver, mas no que respondi que, se ele queria minha carteira, tinha que mostrar que estava mesmo com uma arma, ao que ele disse que era um seqüestro, ao que, não sei por quê, tomado de fúria e não de medo, mais uma vez respondi que, de toda maneira, ele teria de mostrar que estava armado porque só no grito eu não obedeceria, ao que ele então não contestou e apenas foi se afastando, olhando para mim, no que mais dois rapazes, também bem-vestidos, se juntaram a ele e foram todos se misturando entre as pessoas que transitavam pela calçada, restando em mim uma sensação de irrealidade, com essa vozinha me dizendo que tive sorte, que poderia estar morto, que talvez até estivesse morto, que agora estava era vivendo uma outra vida – como que num mundo paralelo –, uma vida alternativa àquela que eu vivia, na qual restaria apenas meu corpo, estirado no chão, aguardando o

rabecão para recolhê-lo; enfim, um episódio que me fez sentir saudade de quando vivi na Noruega, visitando a minha irmã, e nunca vi ninguém lá preocupado com assaltos à mão armada no meio da rua, tampouco com seqüestros-relâmpago, um clima de tranqüilidade frente aos demais seres humanos ao qual precisei de mais de uma semana para me adaptar, de modo a não ser acometido por atitudes para eles incompreensíveis, como num dia em que, à noite, ao ser interpelado quando andava na rua sobre que horas seriam, o que já me fora perguntado em inglês, me assustei, dando quase um pulo para trás, tal como se aquele jovem alto e parrudo fosse um assaltante armado. Um pouco mais de Noruega, um pouco mais de Europa faria muito bem a nós. “Certamente, Vítor, seria maravilhoso: a tranqüilidade da Noruega com o sol do Rio de Janeiro seria o paraíso sobre a Terra; o nosso sol é uma dádiva divina, mas Kant ou Nietzsche são europeus”, me diz o Augusto, a quem tive de ouvir pacientemente porque ele estava debilitado, ainda com febre pelo tal de citomegalovírus, sem dúvida exagerando um pouco as coisas na tentativa de se animar com os próprios arroubos de radicalismo.

Tendo deixado meus dois colegas fazendo as contas para encontrar com um professor do departamento que queria fazer um sabático na minha pós-graduação, constatei, ao conversar com os estudantes, que o Joviano havia sido convidado não só para a banca, mas também para dar uma palestra que, aliás, não só era sobre o sublime em Kant, mas que havia sido intensamente divulgada como se ele fosse um especialista no assunto, apesar de que, como todos lá sabiam, eu, atendendo ao pedido de uma editora, estava terminando de escrever um livro recapitulando as últimas três décadas de discussão sobre esse tema, de modo que não pude deixar de entender esse meu não-convite como um gesto visando me desprestigiar, se bem que também vi logo que nada poderia

dizer sobre essa para mim desrespeitosa preterição, só me restando não vir à palestra do Joviano, o que, de certo modo, também seria desprestigiá-lo, pois seria mostrar que não esperava dele que dissesse qualquer coisa de relevante, o que, aliás, ele não dirá, sem falar que, após ter de ouvir, no âmbito do concurso, a leitura de oito provas e de assistir a oito aulas, não teria a menor vontade de aturar ainda mais uma palestra sobre Kant, ainda mais uma desse picareta, enfim, um aborrecimento que me levou a remanchar, postergando minha volta para fechar o placar dos pontos curriculares dos candidatos, ao ir buscar um café na cantina, onde parei para conversar com um grupo de alunos que conversavam sobre a prova, da qual esperavam o resultado e que haviam feito tentando admissão no mestrado. Quando souberam quem sou e me vendo ali tão pacatamente conversando com eles, tal como se eu não tivesse nada melhor a fazer – e não tinha –, começaram a me perguntar sobre como era a prova de admissão na minha pós-graduação, se era muito difícil entrar lá, se tínhamos bolsas para os alunos, mas mudei a conversa para saber deles o que eles estavam querendo estudar no mestrado: um queria estudar Hegel; outro, Nietzsche; outro considerava que Stirner fora injustiçado pela história; e uma menina mirrada, tímida e pálida, com um *band-aid* redondo na testa, era a única que queria estudar Kant. Para o meu deleite, ela queria estudar o sublime. Não pude deixar de rir ao ver uma menina tão franzina, me olhando de viés, quase sem fôlego, ousar se propor a abordar um tema tão grandioso: o sublime; a rigor, algo de inapreensível. Ela correspondeu a meu riso com um sorriso auto-irônico; depois, contemporizou admitindo que poderia também escrever sobre algo mais básico como sobre a Dedução Transcendental da primeira Crítica, o que me levou a um suspiro resignado que, ao eu perceber o quanto tal tema não me interessava (algo que há

dez anos atrás me seria impensável, pois então ainda achava que com temas como esses eu trabalharia com prazer pelo resto da minha vida), expressava um doloroso presságio do que, no dia seguinte, nas provas do concurso, poderia me atormentar. Voltei para a sala do concurso tendo de admitir para mim mesmo que já não me interessava mais por Kant como antes, que não era só a Dedução Transcendental da primeira ou da terceira Crítica que me pareciam fúteis, mas qualquer um desses textos convolutos de Kant me afigurava inútil. “É o câncer antieurocentrista do Augusto que está se agravando em você”, me dizia minha voz interior. Às vezes parece até que vou mesmo ouvir uma voz. Durante muito tempo achava que simplesmente era a tal voz da consciência, a *synderesis*; mas depois ela passou a repetir coisas que ouvi aqui ou ali, deste ou daquele, nem sempre algo de edificante. A primeira vez que reparei que essa voz estava saindo da linha, quer dizer, foi também a primeira vez que reparei que havia uma voz quase autônoma que me acompanhava, que não dizia exatamente o que eu pensava, que tampouco dizia o que eu diria, pois usava um vocabulário que não era o meu, foi em Búzios quando fui visitar um amigo, e lá estava uma mulher infinitamente tagarela e que, por isso, não me interessava em especial, em relação à qual a voz interveio dizendo: “Que bunda! Vai lá, rapaz!”, o que me surpreendeu, sobretudo porque nunca me decidi por ninguém por causa da bunda; em todo caso, logo depois chegou o namorado ou marido dela, e a voz impertinente não mais se manifestou naquele dia. Subindo a escada (para demorar mais ainda a chegar na sala), a vizinha me dizia: “O que mais um estudioso da estética de Kant pode nutrir senão o *desinteresse*?”; era ela, como se tornara freqüente nos últimos dias, tentando ser piadista, me amofinando por causa do meu desinteresse, não o estético, mas o de escrever sobre Kant. Será que eu não sou um piadista reprimido? Será

que a Marta tem razão em dizer que sou sério demais? Sem dúvida, ser sério foi algo que minou o casamento. Será que é verdade que, como ela falava sempre, “falta você relaxar”? Mas será que é um defeito ser “sério demais”? Talvez eu seja europeu demais. Mas pode ser também que o problema seja que não entendem meu senso de humor. “Seu senso de mau humor”, me corrigiu a voz. Nisso eu, finalmente, estava chegando de volta e meus colegas já estavam fechando o placar. Perguntei quem tinha ficado com mais pontos. “Foi a Maria Cristina”, respondeu o Rubem. Arrisquei então afirmar, mas hesitando na entonação para também deixar valer como pergunta, que o concurso tivesse sido aberto por causa dela; o que me foi confirmado: “Sim, ela está aqui com um contrato precário de professora visitante”. “Foi o Cohen que indicou ela para cá?”, disparei. “Que isso, Vítor? Não seja malicioso; ela tem méritos.” “Eu sei que ela tem méritos; conheço ela do tempo em que ela fez o mestrado.” “Você conhece ela bem, Vítor?” “Agora a malícia é sua, Rubem.” “Estou só brincando, sei que ela foi uma boa aluna no mestrado lá com vocês.”

Por que esse concurso tinha que ter oito candidatos? Vira uma maratona, uma atazanante e tediosa gincana de respostas improvisadas sobre alguma questão filosófica mais ou menos óbvia. O *worst scenario* aconteceu: o ponto sorteado para a prova escrita foi sobre a Dedução Transcendental da *Crítica da Razão Pura*. Lá ficaram oito, ou ao menos sete, desesperados pelo emprego escrevendo furiosamente por quatro horas. Haja preparo físico! Só a Maria Cristina pareceu tranqüila, como sempre segura de si, a única ostensivamente não-desesperada; elegantemente cumprimentou cada um de nós da banca; e lamentou a chuva senão poderíamos – nós, os convidados – aproveitar as praias, o que era de certo modo uma ironia, já que estávamos ali na obrigação de enterrar quatro dias de nossas vidas julgando o

que aqueles adultos, todos pendurados em bolsas precárias, forçados a apresentar produtividade acadêmica no modo de artigos e participações em congressos, sem a liberdade de se desviarem do tema de suas teses e projetos, sob pena de terem os currículos mal avaliados devido ao caráter dispersivo, e pouco aprofundado, das publicações; conjuntura na qual, porém, mais uma vez, a Maria Cristina não só se destacava, mas também se diferenciava, pois, além de sobre Kant, também publicava sobre Wittgenstein e, tendo cursado várias cadeiras de *Germanistik* em seu doutorado, acabara de traduzir para o português o *Die Wahlverwandtschaften*. Apesar do pouco contado, já havia reparado, na época do mestrado, como era fácil para ela ser eficiente. Naquela corrida de desesperados, ela andava como que sem tocar o chão, e se mostrava sempre bem à frente dos demais. Merecidamente, ao menos pelos critérios de mérito dentro dos quais ela se criara, ela ali estava pronta para vencer com honra e distinção o concurso. Era como se não houvesse para ela a possibilidade de acasos infelizes. Se jogassem dados, sairia o resultado que ela planejara. Daí, quando o ponto sorteado foi lido, vislumbrei um sorriso sereno em seus lábios. Ela agia como se a vida fosse docemente racional, como se tudo que falam dela não fosse mais que *Gerede*: não!, não foi ela que se beneficiou de indicações e convites mediados por Cohen por ter sido sua amante; não!, foi tudo ao contrário: foi como uma fração da eficiência dela que ela foi por tantos anos, consecutivos ou intermitentes, amante dele, tal como se, por ser ela a melhor aluna, tivesse de ser a amante do melhor professor, e tivesse que ser amante, não mais que amante, exatamente amante, como se não pudesse perturbar a ordem das coisas, por isso evitando que o Cohen se separasse da mãe dos filhos dele; enfim, tudo sempre como se aquela fosse a ordem imutável das coisas e como se ela sempre fizesse a coisa certa. Será que

era eu quem sempre fazia a coisa errada? Não que eu fizesse grandes burradas, mas porque eu, pouco a pouco, ia me pondo a caminho de um declínio irreversível. Que microburradas eu estaria fazendo neste concurso? Sei que irradiava impaciência; talvez também franca antipatia. Mas como poderia ser diferente se havia sido convidado apenas porque circunstâncias impediram a vinda do Cohen? De fato, havia ainda quase meia dúzia de outros Kant-*scholars* que poderiam ter sido chamados e que – o que me parece óbvio – foram chamados, mas que, sei lá por quê, não puderam vir, de modo que meu convite, se me é desconfortável, é porque – e daí a minha má vontade – é o resto do resto.

À noite, decidi contemporizar meu humor áspero, aceitando o convite de ir jantar junto com os demais membros da banca e mais alguns professores da pós-graduação, o que me deu ocasião para perguntar se, no momento, havia algum evento sobre Kant sendo realizado no Brasil. “Oh, sim. Há um pequeno evento em São Paulo, *Kant e a Epistemologia*, mas é um evento fechado, não há alunos; os *papers* sairão depois como livro; você não ouviu falar?” Sim, ouvira falar, mas não me interessara, e continuava não me interessando; com isso, porém, finalmente compreendi que os outros possíveis convidados estavam no evento e não restou ao Cohen senão tolerar que eu viesse. Percebendo tudo isso, tive de me conter para não externar todo o mau humor que me subia pelas carótidas. Foi a Telma Dias, amiga dos tempos de Berlim, que, sempre risonha, ao chegar, cumprimentando-me com sua simpatia esfuziante, num só gesto me desanuviou o espírito, arrebatando de mim um sorriso largo e sincero que, sem dúvida, surpreendeu a todos na mesa que, provavelmente, consideravam que meus músculos faciais, já atrofiados, não mais fossem capazes de se estender arreganhando minha boca e expondo meus dentes de um modo que não fosse

assustador, mas que, antes, expressasse alegria. Para além de sorrisos, com a Telma conversando comigo, dizendo o que agora fazia, eu ria de dar gargalhadas, contava anedotas, o que fazia com que todos me olhassem um pouco de lado, admirados que eu fosse tão afável; sendo que minha face só se ensombreceu novamente – mas agora de um modo melancólico e não iracundo –, quando relatei para a Telma os contratemplos do nosso amigo Augusto com o câncer de próstata; no entanto, quando contei para ela que o Augusto havia se demitido de seu posto de professor para viver só de alugueis porque passara a considerar o trabalho na universidade repetitivo e pouco crítico, essa notícia da autodemissão voluntária de um professor universitário concursado de língua e literatura latina com doutorado em Berlim se espalhou pela mesa como um rastilho de pólvora, a perplexidade foi geral. “Ele é rico?” “Ele é maluco?” “Nem pediu licença?” “Apenas se demitiu e pronto?” “Por que pouco crítico?” “Como assim eurocêntrico?” “Para ele, até estudar Kant seria eurocentrismo?! Esse cara é doido!” Na verdade, nem tentei explicar o ponto de vista do Augusto, ninguém o entenderia; aliás, nem eu mesmo entendo; se bem que, vendo aquele bando de babacas boquiabertos, achei que o Augusto bem que tinha alguma razão não só em se demitir, mas em dizer que se é pouco crítico na universidade. A Telma não perdeu tempo e já saiu ligando para o Augusto no Rio, que, porém, não estava em casa, fazendo-me lembrar do quanto ela sempre fora atenciosa com todos nós em Berlim; enfim, uma pessoa admirável. Por que eu não conseguia ser como ela? Por que meu mundo parecia muito mais corrompido e soturno? Por que as pessoas me aborrecem tanto?

Um dia inteiro ouvindo a leitura de provas sobre a Dedução Transcendental. Minha bile amarela fervia, até que

retornei o recado na caixa-postal do celular. “A febre voltou; vão entrar com outro antibiótico; parece grave; o velho ainda é forte, mas se prepara para voltar a qualquer momento.” Depois destas palavras objetivas da minha irmã, aquelas áridas repetições kantianas perderam toda a possibilidade de sentido. As palavras que eram lidas pelos candidatos pareciam sons compactos e sem significado. O que eu ouvia, o que eu via, o que eu sentia, nada me fazia sentido. Meu pai morto? Estava chegando a hora? O mundo à minha frente é que parecia morto. Quando nos reunimos para avaliar as provas lidas, minhas anotações me pareciam garatujas em alguma língua primitiva, ainda por ser decifrada. Custei a me dar conta que estavam falando comigo. “O que há, Vítor? Está passando mal?” Continuava mudo, lágrimas começaram a transbordar dos olhos, me curvei e, com as mãos sobre o rosto, para o espanto dos meus colegas, chorei: “Meu pai está morrendo”.

Não quis a companhia de ninguém, preferi dirigir *ad nauseam* pelo litoral, ressentia-me por não receber nenhum telefonema da Marta, que, pela primeira vez desde nossa separação, agudamente me fazia falta; tampouco conseguia falar com o meu filho; onde ele estaria?; pedi a minha irmã para localizá-lo e lhe falar do avô. “Você está bem, maninho?” “Não, não estou.” “Mas papai já está morto há tanto tempo!” “Sofia, você é maravilhosa, mas estou sentindo falta da Marta.” “Você ainda gosta dela?” “Minha vida está uma merda; detesto este meu trabalho.” “Logo você que era tão apaixonado pelo que faz.” Sempre é uma questão de ponto vista considerar se sou sério demais ou apaixonado demais; ao menos no meu caso, tanto um quanto outro parecem ser a mesma coisa. Parei no shopping perto do hotel; entrando no hall, via as pessoas subindo e descendo as escadas rolantes como se fossem cadáveres sorridentes. Subindo um andar, havia adolescentes por todos os lados, saiam falando quase aos

berros da seção do Harry Potter. Tentei me lembrar de quando era como eles, mas meus pensamentos se arrastavam pastosos e se recusavam a tomar qualquer forma. Só o que pulsava era a dor de a Marta não haver me telefonado, embora ela ainda não soubesse que meu pai estava piorando, ou, se sabia, preferia esperar se desta vez sobreviria mesmo a morte. Tentei comprar uma caixa de Lexotan, mas não tinha receita e não me venderam, saí da farmácia com uma caixa de Viagra, que eu não imaginava por que tomaria já que estava dominado pela idéia da morte do meu pai, me sentindo profundamente culpado por não haver mais tido sonhos fortemente realistas em que conversava com ele, como se a interrupção desta penosa seqüência de sonhos, que, ao longo destes mais de dois anos de coma, me acometiam no mínimo quinzenalmente, fosse a causa de seu declínio para a morte. Deveria eu retornar ao hotel para tentar sonhar mais uma vez e, assim, salvá-lo? Me ri com esta sensação de onipotência, como se eu pudesse por meio de sonhos salvar o meu pai descerebrado e moribundo. Liguei mais uma vez para a minha irmã para saber se teria de retornar já no dia seguinte, e ela me disse que não havia pressa porque, após uma nova avaliação, talvez ele saísse ainda de mais essa, o que lhe disse me parecer improvável, sem explicar, porém, que, devido a não mais sonhar realisticamente com ele conversando comigo, eu tinha total certeza de que ele morreria em breve; afinal, ele, sem a força mágica dos meus sonhos, não mais se sustentaria em vida. Sentando-me num *pub* dentro do shopping, pedi a cerveja mais recomendada no cardápio e fiquei contemplando o líquido escuro como se fosse a minha própria bilis negra, ingerindo com ele o comprimido losangular azul, para depois ficar bebericando, mais uma vez considerando, enquanto passava a vista por sobre as mesas vazias, muito pouco provável que a química do comprimido fosse ser de qualquer utilidade

naquela noite – talvez eu, ingerindo-o, só quisesse contrariar a sensação de impotência diante dos meus problemas –; contudo, podia-se ponderar, se eu fosse transar com alguém, estando ainda tão perturbado com a aproximação da morte do meu pai, certamente precisaria exatamente deste aditivo para que as coisas não ficassem, também nisso, complicadas. Em todo caso, enquanto não me resolvia ir para algum lugar em que pudesse fazer uso adequado do princípio ativo que circulava pelo meu sangue, saboreava a cerveja alardeada como irlandesa, lembrando de meus recentes desvarios pós separação, quando, insone, ia nas madrugadas pelas ruas de Copacabana querendo mais conversar com as putas que comê-las, o que, aliás, só fiz uma vez quando, na *Help*, encontrei uma menina loura – semelhante a uma gringa – que, *prima facie*, não parecia uma puta, embora evidentemente o fosse, e que me encantou porque, com seu sotaque de gaúcha, me dizia que o que ela mais queria era trabalhar como auxiliar em uma creche. Onde seria por aqui a Copacabana? Onde seria seguro encontrar uma puta? Mas isso me pareceu perigoso porque, se me vissem, daria oportunidade para piadas sobre mim; não seria nem mais uma micro, mas uma macroburrada, que ensinaria meus colegas a me ridicularizarem *ad infinitum*. “*Você deve comer putas não pode ser um máximo da razão*”, me dizia jocosamente minha voz interior, uma piadinha que tanto me irritava, porque tola, quanto me agradava, porque, ao perceber essa voz, podia reconhecer que eu estava me refazendo do meu estado de perplexidade, de modo que relaxei e, escolhendo um filé para o jantar, pedi mais uma cerveja, o que, se não me livrava da sensação de solidão, me permitia apreciar essa solidão existencialmente como uma condição da minha finitude; além do que, podia me entreter com alguns fragmentos da conversa de três meninas adolescentes que sentaram na mesa ao lado, falando sobre a necessidade de

reabrirem o segundo furo na orelha, que teria fechado por falta de uso, o que – não pelo assunto em si, mas por observar a entonação, que era, aliás, até onde pude observar, apesar de um sensível sotaque regional, a mesma das adolescentes do Rio –, me fez lembrar do Augusto, que ficou me explicando que, se ele retornasse à universidade, seria para fazer um doutorado em lingüística, escrevendo uma tese exatamente sobre a entonação das meninas no shopping, o que, para ele que passara quase três décadas estudando latim, uma língua morta, era um assunto praticamente antípoda. Não sei se foi ele ter se demitido que o deixou assim tão pouco sério, às vezes até falastrão, ou se foi ele, devido a algum processo depressivo ou psiquiátrico, que deixou de ser sério e, então, abandonou o emprego; se bem que ele me disse que não havia nada de impensado na decisão dele e mencionou que havia passado cinco anos escrevendo a esmo, em mais de vinte cadernos, tudo o que lhe vinha à cabeça, revendo a vida num minucioso processo de auto-análise, de modo que, ainda que ele não pudesse enumerar de uma maneira coerente todos os argumentos que o levavam a se demitir, para ele era muito claro que deveria se dedicar por pelo menos dois anos a escrever literatura, o que, aliás, ele também me recomendava, sobretudo porque, ao que ele podia observar, eu estaria mais ainda que ele de saco-cheio de trabalhar na universidade, mas que, se eu não dizia isso para mim mesmo, era porque eu não via outra possibilidade de sobrevivência e, sendo um cara responsável, não poria de lado a única coisa que sei fazer como profissão, o que, se não me motivou a abandonar minha carreira universitária, me levou a estar escrevendo todas estas coisas aqui, tentando reelaborar as razões do meu mau humor. O *pub* se enchera, as meninas já haviam ido embora e eu agora folheava uma *Der Spiegel*, vendo apenas as fotos, sem me animar a ler uma linha que fosse; olhando desfocado por cima

das mesas com a idéia do meu pai febril pairando ao fundo da minha mente sem, porém, realmente pensar sobre ele, custei para reconhecer que um rosto me observava por detrás do vidro, mas, quando, ao captar o olhar, dei mostra de o reconhecer, ainda que sem eu acenar de qualquer modo que fosse, a Maria Cristina, carregando três sacolas de sei lá que lojas, veio cautelosamente se aproximando de mim, esbelta, com seu sorriso vivaz e inteligente, gerando em mim a avaliação de que fosse bela, mas, ao mesmo tempo, também a tentativa de desvalorizar essa beleza por associá-la àquelas bonecas com que as minhas primas brincavam e das quais eu deveria ser o médico. Cumprimentei-a só com um aperto de mão porque, nunca tendo ela feito nenhum curso meu, a conhecia apenas superficialmente, mas, por gentileza, a convidei para sentar, esforçando-me em apresentar serenidade, ainda que eu, antes, me sentisse contrariado em ter minha solidão, senão interrompida, ao menos obstruída por essa presença para mim irritante, uma vez que ela era não apenas irrepreensivelmente eficiente, mas sobretudo porque, ao estar tão tranqüilamente à altura das maiores exigências, ela legitimava esse dubio sistema de valorização da produtividade que, a meu ver, não só era um estímulo a que se publique em escala industrial, mas também para que se faça redes pessoais paralelas e por vezes escusas, ainda que nem sempre conscientes – e tanto mais eficazes quanto menos conscientes e mais subentendidas forem –, de modo a reter em um circuito cada vez mais excludente a maior parte dos melhores convites, dos maiores financiamentos, enfim, assegurando àqueles que vão mais longe no jogo da troca de prestígio e privilégios que possam ser eles os mais solicitados, ocupados, viajados, comentados, publicados, elogiados, homenageados, esperados, ou seja, assegurando que sejam os mais energizados e, portanto, os mais estimulados a não decaírem em depressão,

tendendo a terem quase sempre mais idéias para pesquisas e para empreendimentos institucionais – em especial, convênios e novas contratações –, assim como mais recursos para realizarem o que propõem, ou simplesmente exigem. Eu havia, não sei bem quando, me desconectado deste circuito, talvez nunca tenha sido eficazmente conectado a ele, mas agora me sentia de fora olhando uma máquina – girando cada vez mais rapidamente –, tendo pessoas como suas engrenagens, e textos vindos das principais universidades euroianques (esta palavra é do Augusto!) como principal combustível, assim como *papers* e palestras como seus principais produtos: ser membro de uma banca como essas era apenas mais um subproduto, ocasional, nada se podendo fazer num concurso para mudar o funcionamento da máquina, ou para emperrá-la; ao contrário, não faria mais do que legitimá-la, pois ao final não farei mais do que aprovar a diletta do Cohen, que cumulé-la com mais essa honra, de modo que, agora, essa minha presença indesejada de um não-alinhado coheniano, mais ainda legitimará não só a contratação dela, mas corroborará o sistema todo e, mais ainda, me deixará sem como argumentar contra ele, me deixando pateticamente enredado no maquinismo que progressivamente me sufoca. Graciosamente, Maria Cristina está sentada à minha frente, já com uma cerveja Guinness à sua frente, falando com sua voz segura e modulada, como que didática, como se estivesse ali para me ensinar alguma coisa, ou muita coisa, e eu tendo de reconhecer que sentia tesão; não sei se por solidão, se por raiva da Marta, se para me sentir acima da agonia do meu pai, ou se por ser ela gostosa, mas sentia tesão. “Até que o Viagra foi tomado em boa hora”, me dizia a voz interior, mais uma vez espezinhando-me, pois era para mim claro que não só ela me irritava, mas que, sobretudo tratando-se de uma candidata, seria uma burrada, uma macroburrada, algo eticamente

condenável; “algo impróprio a um kantiano”, seguia me provocando a voz enxerida. Certamente, a Maria Cristina nem pensava no assunto; eu é que mentalmente estava me comportando como um adolescente; talvez a morte iminente do meu pai estivesse me fazendo regredir; “ou finalmente o fazendo deixar de ser sério demais”, me contestava a voz inoportuna (ou oportuna). Da prova oral no dia seguinte, ela apenas comentou que o tema dela – sendo sobre o gênio e as belas-artes, um tema sobre o qual ela já havia escrito um longo artigo – ela nem precisava preparar e, como que lendo ou até prevendo meus pensamentos ou ressentimentos, acrescentou que conhecia bem meu *paper* sobre este tema; e nem precisou eu mudar o assunto, que, a rigor, era inadequado, sendo eu membro, ou melhor, presidente, da banca, pois ela mesma, enquanto eu permanecia calado, já estava se expandindo por um outro assunto; do mesmo modo que minha mente já explorava novas idéias: observava os seios dela, protrusos apesar do largo pulôver tricotado, e tentava imaginar como seria o formato da bunda, recapitulando minhas memórias do tempo dela de mestrado, quando pouco a vi e nunca me interessara por ela; de fato, nunca – até onde minha memória me permite dizer – reparara nela eroticamente. Certamente, ela, porém, esperta do jeito que é, sabe no que estou pensando agora. “Você está diferente”, saiu-me esta frase pela boca, o que era uma indiscrição, pois evidenciava que eu a estava escrutinando fisicamente e, assim, insinuava que eu estava fazendo uma apreciação sexual de seu corpo, ao que ela me respondeu permanecendo por alguns segundos em silêncio, como que reavaliando a situação – talvez ela não esperasse que eu fosse ser tão ousado –, mas de jeito nenhum embaraçada, apenas me olhando, sem sorrir, o que me fez reparar que ela é levemente dentuça, o que me pareceu charmoso e delicado, até mesmo enigmático, pois, a princípio, isso seria uma

imperfeição, embora, logo de imediato, parecesse, antes, ser um encanto a mais, um sutil toque de desvio da regra que, na verdade, acentuava a beleza, e, na verdade, criava uma tensão cativante na beleza por fazê-la fugir da regra, e assim da monotonia, evitando que as feições dela fossem como um doce que é doce demais e que, por isso, acaba sendo não melhor, mas, antes, enjoativo, precisando então de uma calda amarga para contrastar com a doçura e fazer o conjunto mais delicioso e em nada enjoativo. “Acho que cresci; naquela época ainda era uma menina”, foi o que ela finalmente me respondeu, o que poderia ser também uma desculpa por ela ter aceitado ser amante do Cohen, algo que – era o que eu tentava crer – seria humilhante para ela ou para qualquer mulher: ser uma mulher secundária, sem voz sobre o amado; mas que não parecia ser o caso com ela, que continuava altiva, me fazendo pensar que, ao dizer que já não era mais criança, estava era dizendo que eu estava me portando como um jovem na puberdade, pensando abusivamente em sexo num momento em que isso seria antiético e mesmo tolo (sobretudo se se considerasse que ela me irrita), de modo que, mais uma vez, me via, ao pensar sobre ela, que o que eu dela julgava acabava por se mostrar, como que por alguma magia, mais adequado se fosse de mim predicado: eu seria, pois, um adolescente mais adolescente que as meninas discutindo as orelhas furadas, de modo que logo pensava em sexo, mesmo quando meu pai estertorava, ou talvez por causa disso, para me sentir vivo, para sentir que não morria junto com ele; mas ela não sabia de nada sobre o meu pai, nem lhe contaria: não queria chorar de novo na frente de estranhos. Foi quando ela me perguntou se tinha sido um amigo meu que tinha se demitido por achar o trabalho na universidade reacionário, ao que respondi explicando que os termos dele não eram tão radicais assim, mas que ele criticava, sim, que considerássemos

textos de filósofos europeus e de seus principais intérpretes – no nosso caso, em especial os intérpretes americanos de Kant – como uma dádiva a qual possamos, ou devamos, acolher com júbilo e gratidão, pois – segundo ele, o que, aliás, não é dizer nada de novo – tudo tem um preço: que preço pagamos por nos regozijarmos – e orgulharmo-nos – lendo Kant? Ela então torceu o nariz, ficando ainda um pouco mais dentuça, como se houvesse percebido algum mal cheiro, e declarou que não vê ninguém pagar *royalties* para ler Kant, nem vê como um latinista pode se preocupar com o imperialismo da língua latina, um império extinto já há mais de dez séculos, pelo menos no Ocidente. Não me sinto confortável em defender as posições de Augusto, principalmente porque nem as conheço nem as entendo direito, embora, quando vejo a reação das pessoas, de pessoas como essas, tão bem engajadas num circuito maquínico de reprocessamento de idéias importadas para produzir artigos raramente reexportados, ou antes, quando vejo estas pessoas que me irritam torcerem a cara para o que diz o Augusto só posso pensar que, se ele não chega a ter razão, chega a ter mais razão que desrazão. O que me irritou é que, se ela sabia do Augusto, um assunto do jantar de ontem, onde ela não estava, então ela devia saber muito mais sobre mim; além do que, tornava-se provável que o que está se passando nesta mesa já terá sido, amanhã, comunicado para todos os ausentes. Paguei a conta, gentilmente repelindo o gesto dela de pagar a própria cerveja, ao que ela (femininamente?) não resistiu e disse que poderia levá-la em casa, evidenciando-se que ela, apesar da minha paranóia de havia pouco, não sabia que eu alugara um carro, se bem que o que ela mais estranhou foi saber que eu estava no hotel bem em frente ao shopping, ficando sem entender por que eu viera de carro se a distância era tão curta e por que eu havia escolhido um hotel tão caro, mas preferi, aproveitando o

pretexto de estar concentrado dirigindo o carro pelo estacionamento, não esclarecer nem uma nem outra dúvida, deixando-a pensar se será que sou rico ou se sou maníaco por carros; apenas comentei casualmente que a vista do quarto era esplêndida e que, além disso, o quarto era enorme e confortável, ao que ela disse ter curiosidade de saber como eram os quartos, pois era onde seu pai ficaria hospedado no próximo mês, o que me fez *moto continuo* convidá-la para subir até o meu “apartamento” (optei por esta palavra não só porque ela era mesmo a mais adequada, mas para retirar a impressão de que, ao entrarmos no meu “quarto”, sendo apenas um quarto, teria logo uma cama à nossa frente, o que seria tão sugestivo quanto embaraçoso, enquanto, ao falar em “apartamento”, se teria a idéia de entrarmos em uma sala com móveis para sentar e sem nenhuma cama libidínica à vista).

Ao sair do estacionamento do shopping, praticamente apenas atravessei a rua com o carro e já entrei na garagem do hotel, de modo que, pegando o elevador no subsolo, sem nem passarmos pelo hall, em menos de dois minutos já estava abrindo a porta do apartamento, que, se não chegava a ter dois cômodos totalmente separados por uma parede, compunha dois ambientes independentes: num patamar um pouco mais elevado com acesso para a varanda, cercado por um móvel baixo e um canteiro tinha-se uma sala; e, no resto do quarto, espaçosamente se espalhavam três poltronas e uma cama quase do tamanho de um ringue de boxe; depois de contemplarmos em silêncio a vista escura para o mar e dos prédios iluminados em volta da praia, nos encaminhamos para sentarmos nas poltronas próximas à cama, mas, quando ela parou como que para escolher em qual das três sentaria, a peguei levemente pelos braços e a girei na minha direção, olhando-a bem nos olhos, ao que ela reagiu sem nenhum constrangimento, mas apenas reclinando minimalisticamente

sua cabeça para trás, de maneira a não estar sendo convidativa, mas de me fazer pensar que havia espaço para eu tomar a iniciativa de beijá-la, o que fiz, sem, porém, conseguir ter certeza de que o fazia por minha iniciativa ou se porque sutilmente induzido. Após o beijo, ela desistiu de sentar e foi para o banheiro, deixando a porta aberta, permitindo que o ruído da urina no vaso, depois o do chuveiro, viesse até a mim, me motivando a abrir minha mala a cata de preservativo, o que, por sua vez, me levou a encontrar uma cartela de Lexotan 6 mg, me deixando mais confiante de que, terminado este encontro, não ficaria intranquilo. Pus duas embalagens de camisinha na mesa de cabeceira e ajetei a cama, retirando alguns dos excessivos travesseiros; já tendo também retirado os sapatos e as meias quando ela voltava do banho, com os cabelos secos e de calcinha, mas apenas segurando o quimono atoalhado, indo com passos seguros, mas ondulantes, até a cama, me deixando, portanto, apreciar-lhe a bunda que balanceava com o andar; segui para dentro do banheiro e, ao tomar uma ducha quente, fiquei pensando que não conseguira fazer-lhe nenhum elogio porque todos os que me ocorriam me soavam vulgares, mas me decidi que não poderia, ainda que de um modo meio forçado, dizer algo sobre a inegável, ainda que irritante, beleza dela. Quando a vi deitada na cama, ela estava lendo a *Der Spiegel* e, ou não percebeu, ou fingiu não perceber, minha aproximação; seja como for, não se assustou, e sim me recebeu com um sorriso que emendei em mais um beijo com ela me puxando gentilmente para rolar por cima dela, de modo que me ajetei à sua direita e, apoiando-me no braço esquerdo, me pus a acariciar-lhe o seio esquerdo, mas com o objetivo de olhá-los mais de perto e examiná-los para entender se eram siliconados, pois – com base no formato volumoso, rijo e protuberante – era essa minha primeira hipótese, sendo que eu tentava também concluir se, havendo implantes, isso seria uma

imperfeição dela ou mais uma perfeição, comprovando ser ela uma mulher que não se furta a cumprir em tempo e eficientemente o que é dela esperado: que fosse um lifting ou um implante. Não havia sutura em volta dos mamilos e nem vi nem senti nenhuma sutura na dobra abaixo do seio. Eram seios portentosos e naturais. Mesmo assim, persistia em mim o incômodo de se tratar de uma beleza por demais eficiente que, se tinha falhas, como os dentes algo proeminentes, elas pareciam temperar a beleza, e temperá-la na medida certa. Era como se ela sempre sáísse da regra na medida certa, tal como se ela seguisse alguma outra regra para fugir da regra. Enquanto eu lhe acariciava os seios, ela apenas me olhava sem expressar nem tédio nem desinteresse, mas um leve prazer e uma serenidade que, pode-se dizer, não teria nada de resignada, mas sim de soberano, como se eu não pudesse ali fazer nada que ela, de um modo ou de outro, não tivesse previsto, não tivesse autorizado. Quando ergui minha face, depois de haver-lhe lambido circularmente os mamilos, ela imperativamente apenas sussurrou: “Vem! Vem!”; e me deu um pacotinho com camisinha; o que então me fez me dar conta de que meu pênis estava intensamente ereto, o que ela, porém, uma vez que não o havia encostado nela, não poderia saber; porém, o estado do meu pênis não parecia ser do interesse dela, pois não o olhava, não fazendo mais que abrir as pernas; se bem que, quando enfiei nela, ela me sorriu com um breve movimento dos lábios, o que poderia também ser um esgar de ironia, ou surpresa, ao dar-se conta da rigidez da ereção. Ela começou a estimular-me a ir e vir mais rapidamente, mas preferi deitar meu corpo sobre ela para poder pegar-lhe a bunda com as minhas duas mãos, o que foi ótimo, o que foi o melhor de tudo que estávamos fazendo, pois foi o que me pareceu mais abusado, mais fora do controle dela, além de delicioso; assim, com meu rosto encostado em

seu pescoço, sentindo seu perfume e beijando-a abaixo da orelha, me encaminhei para o meu orgasmo, deixando para ela cuidar do dela, se ela quisesse ou se ela quisesse fingi-lo, o que ela fez, mas não com a intenção de me enganar, mas a de me excitar, pois ela claramente estava apenas teatralizando um leve orgasmo que, de fato, era sem dúvida um sinal de que, antes de ela terminar sua encenação, eu deveria já estar começando o meu orgasmo, o qual, em vista do aviso, não posterguei, até mesmo acelerei, o que não impediu que fosse um gozo de arrebentar, me deixando exaurido ao lado dela, não lhe deixando alternativa senão a de esperar alguns breves momentos até que minha respiração retomasse um ritmo menos ofegante, quando então ela se levantou indo até o banheiro, voltando de lá já de calcinha, sentando-se a meu lado, o que fazia sentir-me obrigado também a sentar-me e a considerar ir eu também até o banheiro jogar a camisinha cheia de esperma no lixo, o que fiz após beijá-la nos lábios, dizendo ser ela ótima, ao que ela não respondeu senão quando eu já voltava do banheiro – estando ela então sentada numa poltrona e já com o pulôver e calçando as meias – com o comentário para mim indecifrável de que até que, na minha idade, para quem não teve tempo de tomar um Viagra, eu tinha me saído bem, ao que revidei mais uma vez dizendo: “É porque você é ótima!”; o que, embora – quanto ao desempenho dela de um modo geral – talvez eu tivesse dúvidas, eu o podia dizer com sinceridade e até com uma ponta de entusiasmo porque – quanto ao arrebatamento do meu orgasmo – tinha sido tudo perto do limite máximo. O irônico é que, enquanto eu me preocupava com a artificialidade dos seios dela, era eu que, quimicamente, apresentara uma ereção em muito artificial. Mais uma vez, o que eu buscava criticar nela retornava como crítica contra mim. Como ela já estivesse não só vestida, mas já houvesse

retocado até o batom, pus o roupão. “Tenho que ir; agora vou encontrar o meu noivo.” Uma frase que deveria ter me causado algum espanto, mas acho que, como ainda estava meio enlevado pelo orgasmo, simplesmente deixava as coisas andarem como elas quisessem. Assim, depois de ela roçar meus lábios com uma bitoca incorrespondida por falta de tempo, ou por falta de instantaneidade de minha parte, ela disse que eu não precisava levá-la que ela pegaria um táxi, sempre os havendo na porta do hotel, o que não contestei, embora, de fato, estivesse tentando pensar como poderia levá-la, depois de transarmos, para que ela encontrasse o “noivo”. Ela saiu, abrindo e fechando a porta por ela mesma. “Que diabo de coisa é essa: um noivo?!” , falou minha voz interior, desta vez, porém, em uníssono com a minha. Por que ela teria vindo transar comigo? Quem será que transou com quem? Fui eu que a trouxe para cá ou ela que me fez vir aqui com ela? Que prazer ela pode ter tido com isso? Será que ela queria acrescentar mais um nome de professor ao currículo dela? Será que ela queria me agradar? Ou será que ela queria que eu broxasse? Ela achava que eu não tinha tomado Viagra até chegarmos aqui. Mesmo que, quando ela foi até o chuveiro, eu tivesse tomado um comprimido, em menos de cinco minutos, não poderia ter tido qualquer efeito. Além disso, ela, sem ter me feito qualquer carícia e sem ter visto se eu estava ou não com ereção, já me chamou para penetrar nela. Depois, ela até esteve atenta a como estava a minha ereção, tanto que a comentou após. Também, à parte os gemidos encenados para me apressar, ela não fez nada para interagir comigo, o que poderia ser uma tentativa de me fazer arrefecer a ereção. Talvez só o que ela quisesse fosse me levar a fazer uma macroburrada, broxando ou não broxando. Se bem que, com essa história de noivo, ela poderia estar querendo me pôr na posição de ser o amante de uma mulher comprometida, me

mostrando que, se eu desaprovo ela ter sido amante do Cohen, agora eu tinha de reconhecer que eu era amante da amante do Cohen e amante de uma mulher comprometida, que, em todo caso, eu não fiz nada menos errado do que ela já fez um dia, que eu, considerando mais atentamente, fiz até mesmo algo de mais errado, transando com uma candidata do concurso do qual estou na banca. Sendo que o pior de tudo é que, se eu até hoje poderia criticar o Cohen por tirar proveito de sua posição de poder frente às alunas e a outras mulheres, eu tinha agido, no mínimo, como ele. Para ela, fazer tudo isso comigo – me laçar numa voragem ético-sexual – foi, sem dúvida, um prazer sublime. Quanta eficiência!

O primeiro candidato a apresentar sua aula-prova do dia seguinte havia, coincidentemente, sorteado o mesmo tema da Maria Cristina, o que já motivou o Rubem a comentar que ele seria prejudicado pelo contraste, mas o curioso é que o candidato era fisicamente impressionantemente parecido comigo, o que motivou um gracejo, desta vez, pelo Joviano: “Olha aí seu clone, Vítor”. Permaneci calado e pensativo, aguardando para ver que injustiça faria, senão a mim mesmo, a esse simulacro, pois temia que ele fosse se mostrar mais radical que eu, como que me mostrando que eu poderia ter seguido por outros caminhos na minha vida, o que, de fato, aconteceu já nos primeiros momentos da aula em que ele, ousadamente, ou seja, já garantindo uma má avaliação, se desviou de um comentário literal do texto sobre o gênio na *Crítica do Juízo* ao criticá-lo argumentando que o gênio de Kant era um gênio burocrático porque não conhecia a melancolia, o que o motivou a comentar brevemente na *Antropologia* de Kant um trecho em que era discutida a melancolia, o que ele fez, porém, para mais uma vez mostrar como Kant não entendia disto que historicamente era tido como potencializador da genialidade: a melancolia; daí sua exposição ainda derivou por alguns outros

temas, sem que ele tivesse qualquer escrúpulo em afastar seu foco de Kant; assim, para o meu alívio – pois já estava enfasiado de Kant –, ainda que não pudesse negar que ele tinha uma leitura mais superficial dos textos que comentava do que ele assumia – ou percebia – que tivesse, ele falou do gênio no romantismo para culminar em Beckett que seria o gênio que, para finalmente responder a questão proposta, ele comentaria e, quando começou a falar sobre o que Adorno dizia sobre as peças de Beckett, para sua enorme surpresa, foi interrompido, pois sua aula já ultrapassara o tempo em quase dez minutos, de modo que, afobado, fez uma conclusão confusa, em que Kant nem mais era mencionado. Foi uma aula corajosa, mas desastrosa; e, embora com numerosas referências, ao final, não chegou a lugar algum: nem comentou bem Kant – aliás, mal falou dele –, nem apresentou novas idéias, enfim não foi além de mostrar que o candidato era cheio de inquietações, o que pouco o ajudou porque, num concurso, não se valorizam inquietações, mas resultados acadêmicos. Quando esse primeiro candidato saiu, quem mais se ria era o Joviano, dizendo que o candidato – que já havia sido aluno dele – era afixado em Adorno e não perdia chance de falar sobre Beckett, que, contudo, ele conhecia pouco, carecendo-lhe, aliás, também estudar melhor outros autores modernistas. Depois o acaso foi implacável comigo me expondo a três apresentações seguidas sobre o mal radical. Resolvemos almoçar na sala reservada para nós com o objetivo de discutirmos nossas avaliações, nas quais, nos disse o Rubem, deveríamos ser extremamente criteriosos porque era muito importante que classificássemos em segundo lugar um bom candidato, já que a Maria Cristina em menos de dois anos já iria se demitir para assumir um emprego nos Estados Unidos, o que permitiria contratar o segundo lugar; afinal, a Maria Cristina, tendo passado quatro anos fazendo o

doutorado na Alemanha, ainda precisava permanecer, por causa da bolsa recebida, mais um ano e meio no Brasil, o que me irritou profundamente: “Não se tem direito de ir e vir? É um direito constitucional! O trabalho escravo já foi abolido no Brasil. Então ela é obrigada a ficar por aqui vivendo de bolsa, sem direitos trabalhistas?” Diante desse – um tanto ao quanto extemporâneo – acesso de fúria constitucionalista, meus colegas reagiram com incredulidade: “Mas, Vítor, a bolsa é dinheiro público; não pode uma pessoa receber uma bolsa por quatro anos e depois dizer *tchau* e pronto”. “A questão não é de onde vem ou não o dinheiro, mas de direitos trabalhistas e constitucionais; se querem que ela fique, que lhe dêem um emprego que pague em acordo com a qualificação.” “Vítor, às vezes não entendo o que você fala; voltei de um ano de pós-doutorado na Califórnia; acho razoável ter de ficar um ano na universidade, senão tenho de devolver os salários que recebi durante a minha estada fora”, argumentou o Joviano. Tentei ainda explicar que ficar vivendo fora do Brasil estudando não é, do ponto de vista trabalhista, um privilégio, mas trabalho em tempo integral e que, a rigor, se um professor vai para fora é porque é do interesse da universidade, de modo que não se pode assumir que foi o professor quem, unilateralmente, assumiu uma dívida com a universidade, ou seja, se a universidade quiser manter o professor na volta, ela que ofereça condições de trabalho que sejam atrativas e não que o professor fique, por meio de uma lei – a meu ver inconstitucional –, preso à universidade, sendo que ainda pior é o caso de um bolsista de doutorado que já ficou quatro anos vivendo da mão para a boca, sem direitos trabalhistas, e, sem emprego garantido, é forçado a ficar no país – às vezes até desempregado –, mas fui eu mesmo quem preferiu interromper a discussão para que pudéssemos voltar ao trabalho; só que o Rubem havia saído para buscar nossos

sanduíches e aproveitei para perguntar ao Joviano se ele estava dando cursos sobre Adorno, mas – quanto ele começou a me explicar que ele, evidentemente, não tinha paciência de dar aulas só sobre Kant ou sobre a história da filosofia em geral, de modo que ele estava sempre oferecendo cursos sobre a discussão de arte no modernismo, nos quais, de fato, Adorno era o seu preferido, e até Derrida ele já havia discutido no seu último curso “Derrida e Adorno”, e que, afinal, ele não era de ficar parado – tocou seu celular que, o que logo vi pela sua expressão tensa, lhe trazia alguma péssima notícia, algo que já não me surpreende, porque, se nossa estréia na faixa dos 40 anos nem sempre começa com a gente ficando doente, começa quase sempre com pessoas próximas ficando seriamente doentes e demandando nossos cuidados freqüentemente, ou o tempo todo, de modo que já me sentia solidário com o Joviano, que, ao que eu já suspeitava, estava recebendo alguma notícia ainda mais trágica que a do meu pai comatoso morrendo, já que, nesses três dias, ele, sempre tagarela e metido a engraçadinho, ainda não tinha ficado nenhuma vez com uma expressão tão consternada; os fragmentos de conversa que chegavam a mim, enquanto eu, olhando pela janela, fitava desfocado o infinito, eram indícios de uma desgraça familiar: “Vou ver se tem vôo ainda hoje à noite”; “É claro, mãe, que vou estar aí a seu lado”; “Ele morre ainda hoje?”. Embora não tivesse muita paciência para o Joviano, gostava dele, admirava como ele é cara-de-pau e canastrão, ri-me dele no último congresso Kant, em Belo Horizonte, quando os *scholars* alemães se recusavam a discutir Kant senão em alemão e os *scholars* americanos, por sua vez, também se recusavam a discutir Kant senão em inglês, de modo que eram comuns discussões bilíngües, mas que, na prática, se não excluía, punham a nós, brasileiros, e aos falantes de outros idiomas em uma situação de desvantagem,

pois – ainda que vários brasileiros falem inglês e alemão – é difícil para qualquer um manter uma discussão especializada em uma outra língua e, em duas, acaba sendo impeditivamente penoso porque logo começamos a perder a fluência ou, devido ao cansaço lingüístico, não mais conseguimos acompanhar a sutileza, ou o humor, das apreciações dos – permitindo-me usar novamente um termo do Augusto – euroianques, mas o Joviano era alheio a tudo isso, nunca tendo se intimidado em passar de uma língua à outra, ainda que a péssima pronúncia de seu inglês fluente e gramaticalmente faltoso se tornasse motivo de troça por parte de seus colegas brasileiros, ao que ele jocosamente respondia dizendo se orgulhar do seu “germenglish”, que seria a “novilíngua da filosofia”. O curioso é que sua atitude de aparente insubmissão, até de contestação, também podia ser entendida como uma atitude de entrega prazerosa e entusiástica, até acrítica, ao que ele considerava ser um estudo universal e indispensável, necessário para qualquer ser racional: os textos de Kant; uma veneração que me havia transparecido ser semelhante a que ele agora nutria por Adorno (sem, é claro, que isso em nada diminua seu culto a Kant). Enfim, ele era um apaixonado; apaixonado a ponto de torna-se um que, em filosofia, *lingua loquitur*. Era como se todos nós vivêssemos entre dois perigos: o Cilas da racionalidade e o Caribdes da paixão, ou possessão; sem nunca conseguir evitar que, mais cedo ou mais tarde, um desastre sobrevenha. “As bruxas estão à solta, Vítor; agora é o meu irmão mais novo que está morrendo.” Ele me falava com a voz firme, embora os olhos pouco a pouco – à medida em que ele narrava o intermitente declínio físico de seu irmão com aids – se mareassem, o que não impedia de mostrar não estar surpreendido com o fim, ainda que dramático, do irmão, uma vez que já há mais de um mês, segundo dizia o Joviano, todo o tubo digestivo da boca ao ânus estava tomado por um fungo

desses que todo mundo tem, mas que, nele, destruindo todo o epitélio, impedia a absorção de qualquer alimento, de modo que ele, esquelético, morria à míngua, recebendo alimentação intravenosa, sendo que talvez agora – com tantas infecções secundárias – seu alimento fosse praticamente só os antibióticos que continuamente lhe infundiam nas veias: “É previsível que morrerá em algumas horas; tenho de reservar a passagem para estar em seu enterro amanhã pela manhã”. Mais uma vez ali estava à minha frente uma pessoa a quem academicamente tinha inúmeras críticas – embora não lhe deixasse de conceder os devidos méritos –, mas que, diante da morte, me parecia mais corajoso do que eu, aceitando com sentimento, mas também com a cabeça erguida, a morte inevitável enquanto eu – no que o Joviano recontava ao Rubem, ao mesmo tempo em que ele já telefonava e mudava a reserva para logo mais à noite, cancelando também (ao dirigir-se, com a agenda eletrônica e o estilete na mão, ao chefe do departamento, que tinha vindo falar-lhe) sua palestra programada para o dia seguinte, já a remarcando para uma nova data – ficava à janela, na minha posição de observador do infinito, sem conseguir juntar ânimo para ligar mais uma vez para a minha irmã para saber se meu pai, afinal, estava ou não melhorando. O tempo me parecia parado. Tudo parecia em coma. Meus olhos estavam secos. O sanduíche, sem gosto. A coca-cola, sem gás. O concurso era meramente burocrático. O dia, cinza. Kant, inútil. Com dez minutos de atraso, mas com todas as avaliações de até então deliberadas, chamamos o primeiro candidato da tarde e deixamos o público entrar. Atravessamos impassivelmente um monótono blabláblá kantiano, até que chegou a hora da última candidata: a sala lotou, meus colegas de banca sorriam com ares de que a tarefa já havia sido cumprido, agora seria a hora do biscoito fino. E aí Maria Cristina, acompanhada por um rapaz atlético, com

cara de modelo que vira artista de novela, provavelmente o corno do noivo dela, entra com a leve solenidade de uma santa, cumprimentando gentilmente a cada um de nós da banca, não só sem deixar que qualquer alusão a nosso encontro da véspera se insinuasse, mas como se nada nunca tivesse, nem em imaginação, acontecido ontem, de modo que eu não poderia deixar de ser contaminado pelo clima de admiração que emanava de todos os presentes, a não ser me mantendo, ainda que com esforço, fiel ao meu mau humor, apesar de, é claro, me ser, sem dúvida, impossível expor uma *facies* carrancuda, o que, tenho de reconhecer, era, em todo caso, o melhor, pois – já que a iria de toda forma aprovar em primeiro lugar – que eu o fizesse também com brandura, de modo que pudessem pensar que eu agia soberanamente. Enquanto ela ia, com agilidade de dançarina de jazz moderno, apagando o quadro, rabiscado na aula anterior, eu podia observar que sua roupa discreta, um conjunto de tecido preto e grosso, com terno e calça comprida, embora não fosse transparente, deixava, por causa da pressão do elástico, perceber o formato da calcinha, que identifiquei como sendo da mesma marca e estilo da da noite anterior; além do que, quando ela tirou o terno, pondo-o no encosto da cadeira, sua camisa branca de malha – amoldada gentilmente ao corpo –, que se erguia ligeiramente com o movimento de seus braços, deixava ver que seu abdômen era rijo, e o decote, aliás bem limitado, quando ela se reclinava sobre suas anotações sobre a mesa, deixava entrever o volume e, quase tatilmente, perceber a consistência firme dos seios, de modo que, embora ela estivesse conservadoramente vestida, ela exsudava libido e, possivelmente não apenas aos meus olhos, parecia desnuda. Sua aula foi tão suave quanto brilhante – como negá-lo? –, ela se ateu ao tema, comentando rápida e objetivamente os textos de Kant sobre o gênio e sobre as belas-artes, incluindo

algumas breves digressões referentes a que experiência com a arte Kant provavelmente chegara a ter em sua cidade e arredores, tocou também no essencial da crítica internacional sobre o assunto, circunspectamente mencionando até o meu artigo; ao final, os alunos, freqüentadores – e, sem dúvida, admiradores – de seus cursos, incontidamente aplaudiram. Com o melhor currículo, dez na prova escrita e dez na prova oral, ela ganhou o concurso com primeiro lugar isolado, o que, apesar de ser indiscutivelmente justo, me irritou: me irritou não por ser, disfarçadamente, uma injustiça, mas por isso ser o que é o justo. Todas as notas dadas e conferidas, todos os documentos assinados, após me despedir falando com o mínimo de pessoas possível, saí cabisbaixo, serenamente mal-humorado, tentando decidir se o fim de semana ali valeria mesmo a pena para mim, quando a menina mirrada que queria estudar o sublime em Kant, apresentando-se como Mariana e relembrando-me da conversa do primeiro dia (enquanto eu reparava que ela não mais usava o *band-aid* redondo na testa apesar da espinha ainda existir), com um sorriso contidamente orgulhoso me disse haver sido aceita para o mestrado, sobre o que – respeitando sua juvenil capacidade de ainda se entusiasmar por alguma coisa – a parabenizei, mas ela – meio canhestramente – como que me repreendeu perguntando por que não havia dito para ela que eu estava escrevendo um livro exatamente sobre o sublime, o que, em vez de me surpreender pela petulância, me alegrou, banindo de mim o azedume do meu mau humor, de modo que, subitamente bem-humorado, lhe respondi: “Não havia tempo, mas se você – pode ser você e seu namorado ou marido – quiser, podemos jantar daqui a pouco no meu hotel e conversar sobre o meu livro e o seu projeto”.

Antes de descer para esperar a Mariana no restaurante, fiquei longamente hesitando se tomaria ou não um Viagra. Se

eu fosse sério mesmo, não o tomaria porque não teria nenhuma intenção de transar com essa menina tão sem graça, tão pirralhinha, mas, se meu esforço era o de deixar de ser sério, seria mais uma ocasião, mas que só culminaria em uma burrada, que hoje ao menos seria apenas uma microburrada, se eu efetivamente a comesse, o que, apesar de ela ser basicamente desinteressante (o que, me dizia a voz, não deveria ser um impeditivo para um kantiano), mais me fazia hesitar era não saber se ela viria desacompanhada e se ela, após transarmos, dormiria a noite toda ao meu lado, algo que não queria, pois já havia recomeçado a rever, no meu notebook, o que seria meu último capítulo sobre o sublime, querendo, portanto, terminar essa revisão ainda antes de dormir, o que ficaria difícil se ela insistisse em passar a noite na minha cama, se bem que, se eu hesitava sobre o Viagra, era também para manter minha mente ocupada, não me pondo a questão nem da possível morte do meu pai nem de como eu, apesar de estar saturado de Kant – fosse por causa do concurso, fosse por causa de já o haver lido tantas vezes –, ainda estava sentindo esta fissura em me sentar madrugada adentro para solitariamente corrigir um livro que escrevi a duras penas como que lutando contra uma inquietação difusa e um desânimo que se intensificavam exatamente quando me punha a escrever sobre Kant. Não precisei esperar, logo já vi a Mariana – ela vinha sozinha – entrando no restaurante, tentando me distinguir pelas mesas semicamufladas pelos vasos de plantas; não acenei para ela para poder apreciá-la; ela usava um vestido que lhe assentava bem, mas no qual ela não parecia estar à vontade, tal como se não tivesse hábito de usá-lo (talvez não tivesse hábito de usar vestidos), quando se aproximou, cumprimentei-a com dois beijos e reparei que ela, ao me retribuir os beijos, que, nessas ocasiões, são em geral projetados no ar e não plantados umidamente nas bochechas,

parecia, ainda assim, cuidar para não lambuzar meu rosto com seu batom tal como se usar batom lhe fosse também apenas uma prática ocasional. Na poltrona de espaldar alto, ela parecia mais miudinha ainda, como se tivesse subitamente encolhido mais um palmo. Será que essa fragilidade graciosa iria captar minha imaginação? Serenamente, me dava conta de que aquela menina, totalmente em desacordo com as minhas preferências – ou será que eu estava mudando? –, apresentava um perigo insidioso. Não sei por quê, mas ela ali do meu lado, visivelmente embaraçada com o cardápio do restaurante, me pedindo para eu escolher o prato dela, me fazia sentir-me protegido dos meus problemas. “Por que você olha com medo para o celular?” “Medo de más notícias.” Ela não perguntou que más notícias seriam, mas, se não lhe disse, não foi porque temesse chorar na frente de estranhos, pois, ao contrário, me sentia bem próximo dela, mas para manter mais nosso esse momento banal em que escolhíamos os peixes e seus molhos, dando-lhe também a oportunidade de ela se deixar conhecer por mim, embora eu soubesse que, inevitavelmente, o celular tocaria, o que confirmaria minha teoria de que minha irmã só estava me poupando, pois meu pai estaria mesmo morrendo, mas, estando eu visivelmente estressado, ela preferiu mentir sobre o prognóstico para que eu, ou não sofresse desnecessariamente ou não a atormentasse inutilmente com rajadas de telefonemas; eu já tinha, inclusive, checado no aeroporto que os vôos não estavam lotados, havendo um vôo com vagas para amanhã bem cedo às oito da manhã, que, desistindo do meu fim de semana nas praias, talvez fosse pegar. Mas agora conversava com a Mariana sobre meus anos em Berlim, quando ainda havia o Muro de Berlim, respondendo a ela com uma alegria mansa que ocultava a triste nostalgia que se assomava quando eu lhe respondia como era morar numa cidade cercada por muros, tentando pôr de lado a

lembrança da visita de meu pai, quando fomos passear do lado oriental da cidade e ele me narrou suas atividades políticas no seu tempo de universidade, episódios da vida dele que ele nunca me havia contado, o que se tornou um dos momentos da minha vida em que mais me senti próximo a meu pai e mais senti o quanto ele sinceramente me admirava e profundamente se orgulhava de mim: uma das tardes mais serenas da minha vida foi quando, logo no dia seguinte, fomos, eu e ele, passear no zôo para ver o urso panda e, durante quase todo tempo, salvo por motivações práticas, permanecemos em silêncio, como que apenas usufruindo a companhia um do outro, como se nada mais precisasse ser dito, como se tivéssemos finalmente alcançado um convívio serenamente complexo, se bem que, até hoje, ainda sinto falta de voltar a conversar com ele, me vejo imaginando ter ainda uma última conversa com ele, uma última conversa que fosse para dizer que não há nada mais de importante para dizer-lhe senão que sinto falta de conversar com ele. “Não quero me meter não, mas você deve estar cheio de problemas”, me disse ela em um momento em que meu olhar se desfocara. Entendi que ela precisava me dizer isso não só porque conversava comigo já bem à vontade, também já sentindo que havíamos nos tornado amigos, mas porque, se ela não falasse nada, se sentiria embaraçada, fora de lugar, me importunando em um momento em que, já que eu me mostrava tenso e desconcentrado, o melhor seria que eu ficasse sozinho, o que, de fato, não deixava de ser verdade porque eu estava, apesar da minha aparente fluência e amabilidade, com dificuldade para pronunciar as palavras, que me pareciam espessas e pesadas, embora isso não impedisse que estivesse gostando de conversar com ela; acho que era a sensação de proteção, que, não sei como, ela me passava. Subimos para o meu “apartamento” e nos sentamos na sala de estar, onde havia deixado o notebook, que liguei para que ela

olhasse na tela o livro sobre o sublime, o que a encantou. A essas alturas já a havia observado em todos detalhes, já antevendo como era a sua bunda e que seus seios seriam cônicos, seu abdômen esbelto, até já me perguntava se ela, se se cuidasse um pouco, não poderia ser atraente, só ainda não sabia se ela queria alguma coisa de sexual comigo; ainda assim meu maior problema não era com ela, mas com eu ficando velho, com medo de doenças, sobretudo de câncer. “Você parece já estar cheio de estudar Kant! Você parece que, só por simpatia, valoriza as coisas que estou dizendo.” “Mariana, você é encantadora; não é todo mundo que percebe o óbvio.” Ela dizia que, então, eu deveria fazer outra coisa. “Sei lá! Escreve um livro. Tem tanto livro ruim por aí. Escreve um um pouco melhor que já está bom.” “Talvez os livros ruins sejam como cânceres metastáticos que tomam todos os nichos e, ao se desenvolverem, esgotam o organismo.” Com o toque do celular, senti medo; ao atender, ouvi a voz da minha irmã: “Morreu”. Era o que já previra, ela estava me poupando. Disse-lhe que já havia verificado que o vôo pela manhã tinha lugar. Desliguei sem ter reparado que, pelos fragmentos da conversa, a Mariana não poderia entender do que se tratava. Ela apenas me olhava. Não sei por quê, mas pressupus que ela estaria vendo meus pensamentos, de modo que custei para me dar conta que precisa explicar-me, senão ela não saberia o que se passava em mim: “Meu pai morreu”. relatei-lhe de um modo seco, seguro de mim, que ele já estava em coma havia mais de dois anos, que a morte era esperada, que ele, a rigor, já estava morto por todo este tempo; evitando, porém, falar-lhe dos meus sonhos que, pelo que eu sentia, o mantiveram mantido em vida, embora ela, talvez, me compreendesse, só que me sentia no fim das minhas forças. “Quer ficar sozinho?” “Se você vier ao Rio, poderemos continuar a nossa conversa.” Ela veio até a mim, ajoelhou-se ao lado da

poltrona, acariciou meus cabelos e me deu um beijo no rosto: “Se precisar, estou por perto”. Levei-a até a porta e nos despedimos com um abraço demorado como se ela fosse uma velha amiga. “Tchau, Vítor, conversamos uma outra vez”, e entrou no elevador. Quando a porta se fechou, senti falta de terminar a conversa.

Perda de Tempo

É perda de tempo. Ou é coisa para desocupados. Sério, não é. Não que ficção seja sobre o que não aconteceu. De algum modo, tem que ter acontecido. Mas prefiro que se fale logo o que se quer. Por que ficar com subterfúgios? Para que a ficção? Quem tem o que falar que fale logo. Sem enfeites e disfarces. Sou pela *parrhesia*, não pela literatura. Até sei que os fatos não são assim tão acessíveis. Mas, mesmo assim, prefiro, tanto quanto possível, deixá-los crus. É o Augusto que anda teimando que eu seria um bom romancista. Ora, não entendo, nem gosto, dessas firulas: gosto de fatos e argumentos. “Logo você, ó kantiano, que nunca chega à coisa em si, quer atacar os fatos mano a mano?”, é o Augusto de gozação de novo. Depois de se demitir do emprego de professor na universidade, se pôs a escrever literatura; mas agora acha que não tem jeito para isso, e cismou que posso fazê-lo melhor que ele. “Você, Vítor, tem uma fúria – um mau humor – que lhe proporcionará um estilo *sui generis*; além do que, lhe fará bem à saúde: vai lhe desopilar o fígado.” O pior é que ele, depois de açodadamente auto-aposentar-se, está cada vez mais metido a engraçadinho. É o que dá ficar sem ocupação séria. Perguntei a ele se não podia ser que ele estivesse se pondo em um processo de autodestruição. Afinal, não acho que haja justificativa para uma pessoa na idade dele ficar sem trabalhar. Só cuidar de aluguéis é pouco, é amesquinhante. Disse-lhe que quem pára de trabalhar se seniliza precocemente. Mas ele agora tem resposta para tudo; respostas que não são tão espirituosas quanto ele parece supor, mas que parecem convencer, pelo menos, a ele, que alega que não se trata de senilização por abandonar a universidade, mas de evitar a infantilização devido à busca desenfreada em publicar e em ser convidado para eventos, que, num ambiente de concorrência

danosa, assoma os acadêmicos e que, isso sim, seria amesquinhante, sem falar que insalubre e tolificante; enfim, uma infantilização que – ao menos na área de humanas – neutraliza o desempenho crítico, sem-saborificando-o em estéreis, ainda que pirotécnicas, encenações de contestação. “E parar de trabalhar não é estéril?”, disse-lhe. Mas o Augusto não considera que ele parou de trabalhar, apenas aboliu sua escravidão intelectual de professor universitário: ele estaria mais ativo que nunca. Ou seja, ele não aceita contra-argumentos; talvez tenha se tornado um fundamentalista do *doce-far-nienteísmo*; quem sabe todo esse sensacionalismo verbal de neoautodemitido não se resume a ele não assumir que se tornou um preguiçoso? Não tive coragem de dizer-lhe, à queima-roupa, que ele se tornou um indolente. Evidentemente, para isso ele teria também mais uma dessas respostinhas que ele supõe espirituosas. É inútil: eu sei, ele sabe, qualquer um a essas alturas da vida sabe o quanto somos capazes de recorrer a argumentos racionais para defender nossas decisões irracionais, sendo que, muitas vezes, quanto mais irracionais e escusas sejam nossas decisões, tanto mais em favor delas aduzimos os argumentos os mais brilhantes e mais logicamente convincentes, de modo que, se o Augusto não é nenhum pateta e bem sabe a inconsistência de suas posições criptocomodistas, que, aliás, obnubilam seu inconfesso elitismo, então só o que ele pode pretender é: não buscar convencer-nos racionalística e conscientemente, mas afetar-nos nos sentimentos e em nossas autocomplacentes atitudes de, enquanto universitários, democratas difusores do saber erudito. A mim, ao menos, ele, com sua autodemissão incoseqüente, sem dúvida, afeta, pois, embora o ache um pseudo-rebelde ociocentrado e inefetivo, não posso deixar de pensar que também tenho de fazer algo que, ainda que não tenha esse fulgor de radicalidade que sua desídia burlesca

irradia, contribua para mudar essa chatice mal remunerada que, para mim e para alguns colegas, se tornou a vida – ou a morte? – acadêmica, de modo que, até mesmo eu, usualmente tão sensato e pragmático, também me sinto tentado (tenho de reconhecê-lo) a largar toda essa aporrinhção carreirista-academicista.

É perda de tempo. Que mais posso dizer disto? Disto: de ficar escrevendo o que se passou ou se passa comigo, e escrevendo apenas ficcionalmente, alterando algumas coisas aqui e ali, para que elas não possam ser reconhecidas, quer dizer, para que as pessoas envolvidas não possam reclamar de estar sendo expostas, pois, de resto, que sejam reconhecidas! – pouco me importa! –, o que é necessário é que essas pessoas não possam ficar me processando ou coisa assim; afinal, sendo ficção, ninguém pode reclamar de nada (nem eu posso ser processado por haver me conduzido – como minha narrativa pode evidenciar – de um modo eticamente dúbio ou francamente condenável); se reclamarem, estarão apenas vestindo a carapuça, o que é um problema deles, não meu; em contrapartida, por eu estar escrevendo publicamente, o que escrevo ganha em força, isto é, de certo modo, acontece mais, com mais intensidade, ou seja, embora eu disfarce o que aconteceu recorrendo a nomes e lugares ficcionais, ao fazê-lo, ao anular a facticidade, digamos, jornalística do realmente ocorrido, ressalto a intensidade do não-jornalístico, enfim, do que realmente importa no acontecido (simultaneamente enfraquecendo o que seria juridicamente relevante); portanto, no que disfarço o acontecido, não necessariamente o estou distorcendo, mas o estou depurando dos disfarces factuais que estão ligados a seu acontecimento circunstancial; disfarces que também são dispositivos que possibilitam aos envolvidos reivindicarem os fatos para si como parte da vida deles e, assim, considerarem poder ser autores em processos judiciais

contra o autor desta narrativa ficcional, no caso eu – ou melhor, o narrador ficcional em primeira pessoa do singular, que, é claro, é meu disfarce de mim mesmo –; contudo, se altero a vestimenta do que ocorreu, narrando tudo com outros nomes ou como se se passassem em algum outro lugar, assim como se eu fundir acontecimentos dos quais pessoas distintas participaram ou fundir pessoas distintas como se fossem uma só, enfim, se mexo a calda na hora de cozinhar, então, mesmo aqueles que muito bem se reconheçam nos eventos narrados terão de calar o bico, de modo que não só poderei narrar em público eventos de outra maneira inconfessáveis como também focalizarei melhor, com mais brilho e força, seu núcleo magmático. O que se passa é que, no dia-a-dia, as coisas acontecem já em muito se disfarçando – como que se se autocensurassem no próprio processo de acontecer –, é assim que, muitas vezes, se busca conter a intensidade do acontecido já em seu processo de acontecer, mas, se mudamos os disfarces, se, digamos, censuramos a censura ao substituí-la por outros turvamentos censórios, podemos, no mesmo gesto, tanto editorial e juridicamente viabilizar o texto quanto potenciá-lo no que ele tiver de mais interessante, ou cáustico; afinal, se, na vida cotidiana, os disfarces que acompanham os acontecimentos, em geral obscurecem e amainam o acontecido, na ficção, esses disfarces, ao dissimular sua facticidade juridicamente imputabilizante, podem – o que, em contrapartida, é divertidamente positivo – servir como uma moldura (ou mesmo uma lente) ressaltando o que é peculiar e provocante no acontecido.

É perda de tempo. Mesmo assim. Afinal, as coisas não param aí. Para publicar não basta disfarçar o ocorrido a ponto de ganhar o reconhecimento pessoal e viabilização jurídica, enfim, o alibi de se estar escrevendo ficção; afinal, assim me parece, não é por ser ficção que algo é publicado; antes, para

ser publicado, uma “ficção” tem que se submeter ao formato de “ficção-publicável”, ou seja, dizer que algo é “ficção” e foi publicado enquanto “ficção” é se deixar confundir com homônimos, pois uma coisa é uma narrativa ser “ficcional”, outra é ela ser “ficcional-publicável”, ou seja, tal como todo um conjunto de instituições possibilita e legitima o que seja ou não uma reportagem de jornalismo investigativo, também um conjunto de instituições, passando por editoras e universidades, bem como jornais e a mídia audiovisual, possibilita e legitima o que seja uma ficção-publicável. De certo modo, tudo é ficção, do artigo investigativo ou do *paper* acadêmico até o diário de uma adolescente e o romance best-seller, mas uma teia de instituições sociais, muitas vezes falível e atabalhoada, é que determina o que deve ou não se tornar um livro com rótulo de ficção em uma tiragem largamente distribuída. Daí eu dizer que seja uma perda de tempo me pôr a escrever ficção quando somente o que ainda poderia me servir como nova profissão seria escrever ficção-publicável, o que é bem diferente de fazer como o Augusto insiste – e como ele faz – que é ficar escrevendo “ficção” (mas nunca uma “ficção-publicável”) na hipótese de que, ainda que não levando em conta seriamente os dispositivos que controlam o acesso dos amadores ao mercado editorial, em algum momento, como que unicamente devido à qualidade literária da ficção pura que ele escreve – e que ele quer que eu também pratique – um tapete vermelho fosse se desenrolar à sua, ou à nossa, frente, conduzindo-nos ao sucesso de vendas e de crítica, o que não só é absurdo porque irrealista, mas porque ele próprio não sabe dizer o que seja “qualidade literária”, um conceito que para ele, se for possível, o será apenas se tomado relativisticamente em função de diversos parâmetros circunstanciais, ou seja, um texto teria, por exemplo, boa qualidade literária se ele não repetir demais o que já foi feito

em outros livros e se ele, em alguma medida, propuser nele mesmo – e se isso for aceito – o que seria ter essa boa qualidade; enfim, se o livro, por seu estilo e temática, conseguisse se fazer aceito como modelo, ou ao menos como provocação, para outros livros e, ao ser aceito, também recriasse – ou contribuísse para que se recriasse – a percepção do que é melhor e do que é pior em literatura, seria um bom livro. Isso tudo, assim mesmo desse modo confuso, foi o Augusto que esteve falando para mim. Se o estive aturando, foi porque ele estava convalescendo da prostatectomia. Ele me disse que, estando ele fora de perigo, era eu quem tinha de me salvar do câncer acadêmico, o que não necessitaria de um tratamento drástico, embora ele duvidasse que, no meu caso, uma cura total pudesse ser esperada, sendo requerido para uma remissão ou, ao menos, alívio dos meus piores sintomas, entre eles o meu mau humor, que eu simplesmente me pusesse a escrever cinco páginas sem fins acadêmicos por dia. Com efeito, quando por ele interrogado, tive de reconhecer que foi havia cerca de trinta anos a última vez que escrevera um texto ficcional, a saber, foi no segundo ano do científico, quando fiz pela última vez na vida uma redação para a escola, a última vez que escrevi algo que não fosse a resposta de uma prova, um trabalho de fim de curso, uma tese, um *paper* ou um livro sobre Kant; o que ele diagnosticou como *dispepsia kantiana gravis*, uma doença intelectualmente pauperizante para a qual não haveria nem antiácidos nem antieméticos, evoluindo perniciosamente para que eu me tornasse um *molestus chronicus incurabilissimus*. (lembrando-me que, em latim, *molestus* quer dizer chato). Não sei que prazer mórbido, embora aparentemente terapêutico, ele desenvolveu em ficar obsessivamente criticando o meu trabalho; já que a Catarina me disse que era quando ele conversava comigo que ele parecia ficar mais animado, deixei e até o estimulei a

desenvolver um verdadeiro arsenal de piadas infames sobre a minha atividade acadêmica, a ponto, até mesmo, de ele, quando cheguei falando-lhe que iria a um Congresso Kant em Belo Horizonte, dizer que havia composto um Hino dos Kantianos, o que, evidentemente, era de extremo mau gosto, mas que ele, juntando as poucas forças que o citomegalovírus não lhe havia drenado – invocando imaginariamente uma sala com trezentos kantianos participantes do congresso, com a mão no peito, cantando em uníssono e a plenos pulmões – cantarolou: “Um kantiano chateia muita gente/ dois kantianos chateiam muito mais/ dois kantianos chateiam muita gente/ três kantianos...” Fui pego de surpresa por tanta tolice. Não sabia se achava graça ou se me irritava; em todo caso, me pareceu uma piada inofensiva; afinal, eu mesmo já havia comentado que acho chatos vários dos meus colegas. O problema é que senti como se ele estivesse me dando veneno. Na verdade, já havia ingerido o veneno: havia começado a pensar em escrever algum tipo de ficção; para isso, havia formulado a desculpa de que seria para melhorar o meu estilo de escrita, que estaria cada vez mais enrijecido, como que contaminado pelo estilo abominável de Kant. Como um dos temas do congresso era a estética de Kant, o Augusto ficava dizendo que, entendendo tanto de arte assim, eu facilmente me tornaria um ótimo escritor; e, quando lhe contei que meu *paper* era sobre o gênio e as belas-artes, ele não parou mais de dizer que, sendo eu alguém que entende de genialidade, sendo eu um metagênio, eu teria de produzir uma obra de arte literária de primeira linha, enfim, algo de sublime. Ironicamente eu reconhecia que quem escreve sobre arte não necessariamente entende de como produzir arte, ou seja, não entende nada de arte; e, de fato, Kant entendia pouco de arte. “Escrever um romance, Vítor, você diz que é perda de tempo, mas escrever sobre arte sem entender nada de arte ou

comentar um texto sobre arte escrito por um cara que não entendia nada de arte lhe parece um bom uso do tempo.”

É perda de tempo. Não deveria continuar escrevendo. Só sei escrever comentando textos argumentativos. Do que adianta escrever textos que não argumentam nada. Não há experiência verdadeira sem argumentação. De fato, textos não-argumentativos podem divertir, e é possível argumentar muita coisa sobre o que faz eles serem divertidos; contudo, para mim, o mais divertido são exatamente os comentários argumentativos sobre os textos tidos como divertidos: eles mesmos – os textos supostamente divertidos – não me são divertidos; ou, se o são, só o são quando os leio na perspectiva de esmiuçar os comentários argumentativos sobre eles. “O que é mais divertido, Vítor, transar com uma mulher ou contar que transou?” Sempre as tiradas humorísticas. O Augusto não era assim. Acho que está ficando demenciado com esse negócio de não trabalhar. De fato, os capitalistas são uns alienados da realidade social. Sei que ele não está propondo que eu escreva arte pela arte: ele diz para eu escrever a partir da minha realidade. Quando eu me despedi dele, indo para o Congresso Kant, ele suspirou e asseverou compenetradamente que estava trabalhando duro para que eu passasse a fazer algo de útil e decente. O que sei é que fui o tempo todo no avião com a musiquinha idiota dele me martelando na cabeça: “Um kantiano...” Quando cheguei lá, à noite, sozinho no hotel, com meu *paper* já pronto e revisado, tentei escrever no notebook algum texto que fosse em alguma medida artístico: não consegui e me senti impotente; foi quando pensei que talvez fossem os efeitos da prostatectomia, com as conseqüentes dificuldades de ereção, que estivessem fazendo com que o Augusto passasse a se preocupar mais com escrever literatura; minha impotência era de outra ordem: sentia-me afetado pelo meu pai em coma havia dois anos.

É perda de tempo. Nunca vou conseguir escrever uma história minha totalmente inventada. Ainda que desesperadamente eu precise. Aliás, nunca soube contar história nenhuma. Mas não nego que seria uma boa terapia. Não posso mais ficar só pensando nas coisas que penso. Não agüento mais ficar conversando comigo mesmo sobre Kant. De fato, tenho outros interesses: estou planejando escrever sobre Wittgenstein; mas, evidentemente, isso não resolverá meu saco-cheio. O problema de eu ser chato para com os outros existe; foi isso uma das coisas de que a Marta mais se queixou: “Antes você era mais leve; nem engordou, mas parece que é feito de chumbo”; mas a questão é não ser chato para comigo. Minha desculpa é que tudo era por causa do meu pai em coma. Agora ele já morreu. Sinto-me mais leve, mas tenho de reconhecer que não era ele quem mais me pesava. É inegável que quero mudar de profissão, ou mudar em minha profissão; e quero mudar de mim mesmo. Para o Augusto é fácil viajar por aí, mas não posso parar de fazer o que faço. Agora estou preparando um pós-doutorado. Sei que, desta vez, irei mais para descansar do que para trabalhar; desta vez, não vou voltar de lá com um livro quase pronto. Mas não é isso que penso quando falo em mudar minha vida. Também não sei se mudar de profissão adianta. Peguei uma batelada de livros de romancistas e contistas brasileiros contemporâneos com o Augusto: a maioria me pareceu jornalismo ornamentado com técnicas narrativas usuais ao modernismo; a maioria traz a lengalenga do criminoso frio e cruel ou do rico corrupto e cínico; além do que, quase tudo me parece escrito para virar roteiro de filme ou que é a descrição verbal de algum filme imaginado. A maioria dos livros não deveriam nem ter sido publicados, deveriam, quando muito, ter sido filmados, apenas filmados. Nisso o Augusto concorda comigo: se é para escrever, deve ser para pôr no papel algo que, a

princípio, fica melhor por escrito; evidentemente, se aparecer algum ou alguma cineasta competente que faça do livro um filme, ótimo, mas que o livro seja, antes de tudo, em seu acontecimento inicial, um livro, e não um filme imaginário como que degradado em texto escrito. Se bem que o mais irritante é que esses livros são a apresentação romanceada do que está na primeira página dos jornais: tráfico e corrupção. Sem dúvida, essas coisas fazem parte da vida e merecem ser reelaboradas artisticamente, mas não se deve esquecer que para muitos – e não somente para mim e meus amigos e amigas, mas também para os miseráveis e os ricos – a vida tem infinitas outras dimensões. Talvez aqui no Brasil nos seja imposta uma sensação de urgência social que nos impossibilite de não sermos realistas e de não nos esgoelarmos denunciando o que todo mundo já sabe: a polícia corrupta, os ricos inescrupulosos e o sexo violento. A isso se junta um culto ao marginal social e ao fracassado disfuncional que me parece render pouco enquanto uma reflexão da vida em sua complexidade: eu, por exemplo, não sou um fracassado, mas estou vivo e tenho problemas os mais diversos e que se entrelaçam com os problemas da sociedade em que vivo; não sei por que, ainda que não sejam problemas nem de ricos nem de socialmente desfavorecidos, não devam ser abordados ficcionalmente. Além do que, não é só uma questão de lidar com problemas, pois é possível abrir outras dimensões vivenciais e de prazer, ou de sofrimento, com a escrita literária. Havia, de fato, um autor que praticava um tipo de realismo fantástico moderado; seu livro era bem escrito, gostei, mas não me acrescentou grande coisa. Se eu conseguir escrever um romance, vou tentar captar modalidades mais complexas de vivências existenciais. Também não vou, é claro, ser tolo a ponto de escrever um romance filosofesco. Mas, ainda que, ao final, fique claro que não estava à altura do que me propus,

vou tentar ir além do que, como que a partir de uma divisão do trabalho literário, foi destinado ou impingido aos brasileiros: o realismo denunciante, o romance-verdade; tentarei possibilitar outros campos vivenciais e novas sensibilizações, senão ficaremos para sempre denunciando nossas agruras sociais e, porque conceitualmente atrofiados e existencialmente simplistas, indo aos intelectuais euroianques para exercitarmos e expandirmos nossa sensibilidade vivencial e crítica. Só não acredito é que eu consiga soltar a minha imaginação e inventar um mundo totalmente outro; também não sei se vou conseguir não falar de mim. É impressionante que, quando me ponho a tentar escrever ficção, só o que consigo é falar de mim; então, eu vou lá e disfarço um pouco o que estou falando de mim e dos que comigo convivem para que ninguém venha chiar, me acusando de difamação. Já que sou tão egocêntrico, o jeito deve ser eu criar um outro eu egocêntrico e deixá-lo escrever por mim: quem sabe até me curo um pouco?

É perda de tempo. Mas já não sei mais o que é pior: perder tempo tentando escrever ficção ou escrevendo sobre Kant ou Wittgenstein? Para mim tudo parece perda de tempo. Não resolvo nada escrevendo; tampouco resolvo, seja lá o que for, não escrevendo. Desta vez foi o Augusto quem foi mais compreensivo: “Você acabou de escrever um livro sobre o sublime, será que não basta por uns meses?” Minha resposta, porém, é que não basta. Acabei de perder o prazo para um congresso no Canadá. Era só mandar um resumo, mas não fiz nada. Não tive saco. Vi que o prazo acabava no fim de semana passado, mas preferi ficar lendo *The Awkward Age*, um livro que o Augusto, de gozação, é claro, me emprestou dizendo que passar dos quarenta para os cinquenta é um período difícil, de perda da inocência. Seria um livro adequado para mim que estaria perdendo a minha inocência universitária, a

minha eurocentrismolatria. Continuo sem entender esse antieurocentrismo dele. Tampouco vejo antieurocentricmo nesses livros ficcionais contemporâneos brasileiros que ele me emprestou, pois o fascínio pela violência policial e criminal, bem como pelo tráfico de drogas, são temas internacionais e, em especial, norte-americanos; é só lembrar que, apesar de berrarem e protestarem, o *rap* e o *funke* são importados. Sei que o Augusto não é nacionalista: para ele, a questão não é o Brasil, ou a brasilidade, *versus* o americano ou o europeu. Mas o que é não sei. O que sei é que, até agora, aprendi com o Augusto a ter medo de câncer (todo dia penso que estou com algum câncer me corroendo as entranhas) e a querer escrever literatura; não sei dizer se passei a achar que estudar filosofia (Kant e outros; quem sabe também o Adorno por quem o Joviano está tão entusiasmado?) é chato: sempre achei trabalhoso ler textos argumentativamente densos, mas aí mesmo é que está o prazer. Enfim continuo imune a isto que se tornou quase objeto de culto para o Augusto: o *otium cum dignitate* (algo que ele insinua seja ascese!); a dignidade sempre cultivei, mas ficar ocioso, sem um trabalho efetivo e reconhecido, não quero: parece-me mentalmente desagregador. Quero ação!

Resistência

“Estou de novo com sinusite”. O corpo não dá trégua. Sempre há um novo problema. Agora é a minha irmã que se queixa de mais uma sinusite. Mal acabou de tomar as duas semanas de antibiótico, e lá já está de volta a dor de cabeça e o mal-estar. “O nariz escorrendo e a tossezinha chata já vinham há um tempo, até parei de fumar.” Mas o pior para ela nem é a febre, e sim ter de parar de trabalhar, quer dizer, o pior para ela é ter que parar. Ela não pára nem para fazer os exames que os médicos mandam; se bem que desta vez o otorrino se disse desconfiado e a mandou consultar um clínico, o que me deixou alarmado; mas Roberto, tendo feito uma tomografia dos pulmões, me disse que o tipo de lesão pulmonar não sugeria câncer (meu medo maior já que a Sofia fuma continuamente desde a adolescência), o que, porém, só em parte me tranqüilizou porque a cavidade que vi nas imagens tomográficas me chocou profundamente, de modo que, se eu – na tentativa de parar de pensar em câncer – vinha me dizendo que há milhares de outras doenças e que, quem sabe, se minha irmã por causa da sinusite parasse de fumar, seria lucro, me senti agora cético quanto ao que se possa aprender com uma doença, sobretudo quando era evidente a minha incapacidade de imaginar o que, afinal, não sendo câncer, possa ser essa doença; enfim, diante de uma ferida tão visível, embora interna, sentia como se em meu pulmão houvesse um buraco daqueles. Quando saí da sala do raio-X, já não encontrei minha irmã, que havia escapado para a calçada em frente ao hospital para fumar um cigarro, não se mostrando em nada aliviada com o meu comentário de que o Roberto não acreditava que ela estivesse com câncer, o que evidenciava

que ela não estivera nem um pouco preocupada com o assunto, mas, sim, o que se evidenciou quando seu celular tocou, que ela estivera o tempo todo ocupada em despachar problemas relativos ao seu trabalho, como se ela considerasse que todos aqueles contratempos no hospital não fossem senão um problema burocrático a mais na vida dela e que ela tivesse, tal como nos outros casos, que esperar pacientemente para que ele fosse resolvido pelas pessoas dele encarregadas, de modo que, ao terminar de falar ao celular, ela ainda se pôs a rir de mim dizendo que quem estava preocupado com esse negócio de câncer era eu, mas que, antes, meu medo era nem tanto de câncer, e sim que eu, impressionado com a prostatectomia do Augusto, agora temia era ficar impotente; sendo que eu, se sorri com esse gracejo, não foi porque o achei espirituoso, mas por vê-la tão tranqüila e segura apesar de ela, ainda que provavelmente não tendo câncer, certamente ter alguma doença mais complicada que uma sinusite, o que, quando retornamos ao hospital, foi, aliás, dito a ela, que, ainda assim, continuou tranqüila, aceitando bem que ela fosse submetida a uma biópsia de pulmão videoassistida, nem se dando ao trabalho de prestar atenção à explicação de por que não fariam uma biópsia apenas com agulha. De fato, ela agia como se, para ficar curada, bastasse obedecer aos médicos sem se intrometer no trabalho deles. De resto, ela sempre agiu como se fosse invulnerável, como se nunca qualquer doença a fosse atingir, como se não vivêssemos cercados de substâncias tóxicas e cancerígenas, ignorando que há risco para todo lado e que tudo que respiramos, comemos ou bebemos acrescenta daqui e dali um risco a mais. Assim, não há, de fato, muita saída (melhor seria que eu encarasse as doenças com a indiferença da minha irmã) para o câncer de próstata, que aprendi a tanto temer, para o qual é fator de risco ingerir

proteínas, ou seja, os tantos bifés que inadvertidamente comi no Lamas me põem na zona de perigo.

Preciso controlar essa minha hipocondria, que é, ela mesma, como que cancerígena, pois ela vai tomando conta ansiogenicamente de todos os meus pensamentos, metastizando para o meu coração, que se acelera, me tirando o sono, me deixando prostrado na cama, entregue exatamente aos mesmos pensamentos hipocondríacos repetitivos, de modo que, para fazer algo de útil com a insônia, me ponho a escrever – o que supostamente seria terapêutico –, mas que, como se vê, também logo se contamina pela mesma hipocondria, fazendo com que o que antes redemoinhava na minha mente surja na tela onde agora posso ler o meu medo de câncer, exatamente o medo que buscava esconjurar ao me pôr a escrever, só me restando perguntar para que serve, afinal, a escrita se ela não cura nem minora os males que já tenho quando não escrevo (ou quando escrevo apenas *papers*), e, até mesmo, como é o caso agora, parece amplificá-los, expondo na tela os medos que me corroem sem que esta exposição seja um vômito que me alivie; antes, parece que, ao eu ler o que escrevo, estou engolindo tudo novamente, regurgitando, tal como se a tela fosse apenas mais um estômago, ou mais uma metástase dos meus pesadelos insones. Melhor que escrever é andar na praia ou ir ao cinema. Escrevendo, no máximo, aprendo a sofrer diferente, mas nunca me pacifico; escrever é um novo sintoma, se não é uma nova doença, não necessariamente menos grave. Só o que me faz a mente parar de rodar em círculos e me põe para dormir é um Lexotan 6 mg: de nada me adianta escrever; ao contrário, parece até que fico mais desperto; e, conseqüentemente, mais hipocondríaco. Não me sai ainda da cabeça, porém, a idéia de que minha irmã esteja com câncer. “Tossindo e cansada, pode ser tuberculose”, me diz uma voz na minha mente, o que,

apesar de também mórbido, até me acalma um pouco, pois dos casos de amigos com tuberculose que ouvi recentemente, depois de um início dramático pela dificuldade de diagnóstico, todos se resolveram bem, não me parecendo particularmente penoso passar seis meses tomando antibióticos, aliás, dados pelo posto de saúde.

“Vitor, você está precisando de uma namorada”, me disse a Catarina, mas reagiu muito mal quando lhe falei que estava interessado em alguém: “O quê?! Mariana?! Com esse nome, quantos anos tem essa menina?!” Havia esquecido que ela odeia quem namora uma menina mais jovem, ainda mais uma que, com vinte e três anos, tem menos da metade da minha idade. Ainda assim, foi uma reação melhor que a da Marta que, encontrando a Mariana no meu apartamento, guardou para comentar depois que eu estava “gagá” e que andava agora “babando atrás de uma filha de cruz-credo”. Foi o Augusto quem me apoiou dizendo que apreciava muito meninas pequenas, mas que eu não contasse isso nunca para a Catarina, uma mulher de estilo grandioso, seios portentosos, energia exuberante e presença irradiante, uma mulher, aliás, no mesmo estilo da Marta, que, porém, é morena.

Mas estavam chegando as férias, tão necessárias para mim após um semestre cansativo com enterro do meu pai, inventário, a Marta beligerantemente pedindo uma pensão absurda (que sustentaria não apenas um, mas até cinco filhos), agora a doença da Sofia, sem falar na vinda da Mariana para o Rio. Se estou indo ainda nesta semana para Barra de São João, é apenas para pegar as últimas coisas que estão na casa que, para pagar as despesas do inventário, preferimos vender, mas que já não usávamos desde que nosso pai ficou em coma, sendo que vou aproveitar (foi minha irmã que combinou isso) para trazer o velho Vicente para o Rio, onde ficará na casa da filha dele até que – como poderia ser diferente? – o câncer,

inoperável, o mate de vez, de modo que será uma viagem não só de negócios, mas também àquele passado recente em que meu pai, recém-aposentado, querendo pescar, comprou uma casa à beira-mar (bem de frente para a ponte ferroviária desmoronada), para onde íamos – eu e ele – e de onde saíamos para pescar e mergulhar, levados no barco do velho Vicente, que, como só depois soubemos, havia sido o dono da casa que, agora reformada, havia sido comprada pelo meu pai, o que então me pareceu muito estranho: trabalhar como caseiro na casa da qual um dia fora o dono; da qual casa se mudara (pagando então aluguel) para uma outra casa, sem vista para o mar, numa região favelizada – entre a orla da praia e a estrada –, que se tornava a cada dia mais populosa com a proliferação rápida de casas de tijolo aparente e templos barulhentos anunciando o fim do mundo com megafônicos juízos apocalípticos que – o que pode ser um preconceito de kantiano – me soavam como uma das faces mais cruéis da injustiça social, enfim, da miséria e de sua concomitante ignorância.

Depois de iniciado o inventário – um processo simbolicamente relevante, mas que juridicamente se prognosticava como relativamente simples já que meu pai, pré-planejando sua morte, excetuando o apartamento em que ele morava, já havia passado todos os outros imóveis para o meu nome e o da minha irmã, de maneira que apenas venderíamos o carro dele, que fora comprado já em meu nome e estava em meu uso nos últimos dois anos, e a casa em Barra de São João, em nome da minha irmã, para pagarmos o imposto de transmissão e o advogado, bem como para termos um dinheiro em mãos para fazermos umas férias que nos sirvam de luto e descanso (o que é tanto mais importante agora quando o pior momento da doença da minha irmã havia passado) –, liguei para a Mariana para refazer o convite de que

ela viesse ao Rio, ao que ela respondeu desconfiada, parecendo que esperava que eu já lhe houvesse ligado antes, como se minha demora fosse uma traição e, de fato, caindo no jogo, disse-lhe que havia pensado nela, mas que não quisera envolvê-la em questões de família que não tinham nada a ver com ela, sendo que, tendo tocado no assunto família, a conversa se estendeu até a madrugada, no que tanto eu quanto ela contamos como eram as nossas famílias, o que me trouxe lembranças do tempo da faculdade quando exatamente tinha o hábito de ir noite adentro conversando em clima de intimidade; creio que muitas das melhores conversas da minha vida foram nesta época, muitas vezes com o carro parado em frente à portaria da casa de alguém, numa tranquilidade que indicava uma relação de leveza com os compromissos do dia seguinte, mas, ao desligar o telefone, pareceu também que já havia muito tempo tinha retornado à busca dessas conversas perdidas, sentindo como que uma nostalgia por alguma conversa nunca ocorrida, ou incompleta; assim foram já as pescarias com meu pai – e às vezes com meu filho, quando ele vinha conosco – em Barra de São João, de onde me vem sempre fortemente a imagem da ponte desabada – em pedaços semi-submersos ao longo da ponte rodoviária mais moderna e em uso –, por entre os quais pedaços passávamos com o barco conduzido pelo velho Vicente, ou que contemplávamos quando, sentados na varanda da casa, conversávamos sobre nossas vidas, sobre como retomar a vida após a aposentadoria e – quando Gustavo, meu filho, estava lá – como escolher uma profissão da qual se goste, além de lembrarmos de pessoas da família, no que meu filho insistia em perguntar sobre a avó, de quem, tendo ela morrido quando eu tinha cinco anos, não guardo nenhuma lembrança a não ser as que meu pai implantou em mim sobre ela (e que, nessas ocasiões, à beira-mar, buscávamos repetir para o meu filho), se bem que

me lembro de meu avô paterno, de quem ouvi muitas histórias sobre o avô dele, meu tataravô: Theodoro Peckolt, que – segundo a narrativa do meu avô, que conviveu com ele até sua morte em 1912, aos 90 anos – teria vindo da Alemanha, fugindo do pai, oficial alemão condecorado com a Cruz de Ferro, que queria ver também o filho engajado no exército prussiano, ao que ele, preferindo a botânica, se recusara, e, pegando um barco de emigrantes, veio para o Brasil, desembarcando – para fazer pesquisas – na Amazônia, onde pegou malária e, esperando morrer, tomou ópio, o que, porém, acabou por levar a que se recuperasse da doença, permitindo que viesse para o Rio, onde ele, trabalhando inicialmente como farmacêutico, se estabeleceu, mas só para depois empreender expedições exploratórias pelo interior e vir, após participar da fundação de Nova Friburgo, a se fixar na região de Cantagalo, onde desenvolveu inúmeros trabalhos de análise química, vindo a gozar do reconhecimento dos cientistas alemães; enfim, toda uma história envolta em lendas, pois, conforme pude verificar, esse tataravô veio para o Brasil já como um bem formado jovem cientista, aluno de von Martius (naturalista e pesquisador da Amazônia, agraciado com 200 mil réis pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ao atribuir-lhe o primeiro lugar num concurso por sua monografia *Como se deve estudar a História do Brasil*, publicada aqui em 1845), numa missão científica em 1847 (não tendo, portanto, nada de fugitivo do papai; além do que, servira o exército prussiano na capacidade de farmacêutico), e já em 1848 o tataravô Peckolt, viajando a cavalo e na companhia de dois índios (sempre que possível, por razões de segurança, juntando-se a tropas do exército), começou a explorar o interior do Brasil, pesquisando a flora e, eurocentricamente, enviando suas análises para o seu mentor von Martius, que acabou por publicar na Alemanha seu bonito

livro *Flora Brasiliensis*. Em sua busca, em muitos aspectos pioneira, para conhecer em detalhe as riquezas da flora brasileira viveu alguns meses com os botocudos nacnanouc do rio Doce. Casando com d. Henrieta, filha do vigário protestante da colônia alemã de Friburgo, comprou uma farmácia em Cantagalo e, lá situado, se pôs a analisar plantas brasileiras (chegou a analisar 600), o que, sob a forma de inúmeros *papers* publicados nas mais prestigiosas revistas européias de botânica, sem falar nos seus livros, o poria ainda hoje como Pesquisador de Nível Máximo Grau 1 da FUNPE. Seus méritos foram reconhecidos por academias de ciência européias tornando-se, entre outras, membro da Real Sociedade Farmacêutica da Alemanha, além de ser agraciado como Doutor Honoris Causa da Academia Cesária Leopoldino-Carolino-Germânica, bem como com o título de Comendador da Estrela do Norte pelo rei da Suécia; no Brasil, recebeu medalha de ouro por sua participação na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1861, e, das mãos do duque de Saxe, um dos genros de D. Pedro II, o título de Farmacêutico da Casa Imperial; foi também nomeado, em 1894, Oficial da Ordem da Rosa. Enfim, é tido como o último grande botânico da prestigiosa estirpe de cientistas produzida pelo triunfante colonialismo europeu. Nunca contei ao Augusto esta minha genealogia, mas ele certamente diria que, como descendente desse Theodoro Peckolt, após meu avô ter narrado suas façanhas para mim na hora de dormir como sucedâneo das histórias da carochinha, acabei inconscientemente predeterminado a seguir uma carreira científica eurocêntrica, como se o colonialismo, tendo se tornado mais complexo na parte econômica, ainda precisasse de minha colaboração no campo intelectual para que nos mantenhemos servis, submetendo *papers* para as revistas euroianques; *papers* acerca dos quais, porque aceitos numa revista internacional indexada,

alguns professores chegam, como já vi, até mesmo a convidar outros colegas para um jantar de comemoração. Como na área de Letras, em que o Augusto trabalhava, não era tão comum publicarem em revistas euro-norte-americanas, ele nunca presenciou, enquanto ainda era professor, nenhuma comemoração desse tipo; contudo, quando fui visitá-lo com a Mariana e uma amiga, ao ser perguntado por que se demitiu da universidade, uma pergunta a qual ele em geral se esquivava de responder, ele, para minha surpresa, contou o momento dessa decisão, o que se deu devido a uma atitude peculiar de Alan Trigo, um professor de Língua e Literatura Inglesa de quem Augusto fora muito amigo nos seus primeiros anos como professor na universidade, havendo realizado com ele e mais os alunos que quisessem – e chegavam a ser mais de uma dezena –, leituras em voz alta de autores da literatura inglesa e americana, tudo só pelo prazer de sentir como as palavras e as idéias fluíam nos textos; segundo Augusto, foi a época em que ele construiu uma microapreciação de Henry James e Joseph Conrad, dos quais eles comparavam minuciosamente a escolha de palavras e a formação sintática das sentenças, e isso de um modo vívido e prazeroso, até mesmo hilariante, proporcionando os fins de tarde mais agradáveis que um curso de literatura pode oferecer; no entanto, esses encontros vespertinos escassearam até acabar à medida em que o Alan, temendo perder sua Bolsa de Excelência, começou, para aumentar seu currículo, a se envolver em mais e mais atividades e publicações, bem como a evitar conversar com o Augusto até em casuais encontros perto da mesa do cafezinho, sendo que, apesar de gradual, esse afastamento, segundo o Augusto me disse, foi por ele sentido como uma ferida incurável que ia se alargando, de modo que, um certo dia, quando, nos momentos antes do início de uma reunião de departamento, ele viu o Alan incontinentemente sorridente e

estufadamente orgulhoso, sendo cumprimentado por ter se tornado Pesquisador de Nível Máximo Grau 1 da FUNPE (e, conseqüentemente, Gerente Qualificado de Equipe de Pesquisa, o que o habilitava a requerer Cotas Especiais de Fomento do ProTerMil), um misto de tristeza e nojo por aquele colega, tão inteligente e sensível, ter se tornado tão chato e pouco acessível, o encharcou de desânimo, sendo que, para ele, a última gota foi perceber que os trejeitos de satisfação do Alan eram infantis: eram os mesmos trejeitos contidamente álacres que ele tantas vezes vira em seus colegas de curso primário nas cerimônias de fim de ano da escola em que os primeiros alunos de cada turma eram agraciados com medalhas de ouro, prata ou bronze, de acordo com seus desempenhos; e, já naquele tempo, achara-os ridículos, embora ele mesmo usualmente também tivesse seu quinhão de medalhas de ouro, mas que agora, vendo um amigo – afinal, um crítico literário maduro e sutil, por quem ele nutrira admiração e com quem aprendera tanto sobre a versatilidade da língua inglesa – se portar como um aluninho diante da titia Tatá, lhe pareceu um escândalo, um crime de infantilização da intelectualidade acadêmica. Depois disso, a idéia fixa de se demitir só lhe saiu da cabeça quando assinou a demissão e, sem se despedir de ninguém, saiu pela porta principal olhando as pessoas andando nas calçadas como se elas fossem autômatos usando roupas e perucas. Inútil seria perguntar para o Augusto por que o Alan, quando lia com ele no fim da tarde, sem que aquilo fosse uma aula curricular, enfim, quando eles liam não só para melhor conhecer os textos, mas também por prazer, não seria eurocentrismo, mas quando o Alan passou a fazer suas leituras de um modo mais sistemático, compactando-as em *papers*, isso passou a ser condenável; provavelmente ele diria que o problema não está no que o Alan lia, mas em como ele lia e na sua posterior atitude infantil

diante de seu trabalho, enfim, a sua pouca crítica sobre o sistema que lhe conferia méritos; seja como for, o que Augusto dissesse me pareceria problemático; acho que “eurocentrismo” tem para ele basicamente o sentido de uma essência demoníaca, tal como se fosse um sinônimo de “mediocridade erudita”, ou “chatice erudita”, que, por sua vez, são mais dois termos vagos. E meu tataravô? Ele passou 65 anos de sua vida no Brasil, nunca mais tendo retornado à Alemanha; ele foi mais brasileiro que alemão, aqui ele se casou, aqui ele tinha sua casa e sua família; é possível taxá-lo de agente do colonialismo? Não consigo me imaginar com vergonha do meu nome. Gosto dessas histórias de família, dessas lendas: são também histórias brasileiras. Aliás, meu avô não falava alemão, e acho que tampouco o pai dele. Todos foram assimilados. Isso sim é Brasil. Certamente, a família do Augusto também é assim: importada por todos os lados. Não entendo o Augusto, mas não consigo evitá-lo; afinal, o câncer que ele teve eu vivencio como estando me espreitando, de modo que fiquei tão feliz como se fosse comigo mesmo quando ele me contou que, neste último ano após a cirurgia, não houve recidiva, o que é particularmente positivo, pois recidivas no primeiro ano podem ser complicadas, não que após um ano não sejam também desagradáveis, mas porque são bem menos problemáticas.

Quando peguei a Mariana na rodoviária, ela estava radiantemente alegre: sentíamos uma satisfação tranquilizadora ao nos encontrarmos e continuávamos sem pressa sexual, de modo que a deixei na casa de sua amiga com o combinado de reencontrá-la logo que eu voltasse de um breve simpósio sobre Wittgenstein. Na volta a encontrei fisicamente transformada: ela estava queimada de sol, com uma roupa justa expondo um corpo rijo e, pela primeira vez, os seus seios se delineavam valorizados pelo sutiã e o decote; ela estava

linda, embora aparentasse ser ainda mais jovem; fui com ela ver *Sideways*, o que nos pôs num clima de tomar vinho e comer uma boa massa; depois de algumas carícias durante o filme, nos sentíamos mais que bons amigos e nos ríamos de ela expondo as suas expectativas iniciais de como seria o Rio de Janeiro, que ela conhecia apenas através de imagens em novelas, mas que, ao menos no Leblon, onde é o apartamento da amiga, o que ela viu corresponderia a como a novela a havia feito imaginar, apenas ela esperava que fosse ver algum ator da Globo andando pela rua, mas não viu ninguém, sobre o que pude observar que, de fato, uma vez que estávamos na Capricciosa, havia uma boa possibilidade de ela ver alguém midiaticamente conhecido, uma previsão minha que se cumpriu em menos de cinco minutos quando ela, indo ao toalete, viu em uma mesa próxima o Gilberto Gil e o Jorge Mautner, o que muito a divertiu. O que ela, porém, disse mais ter gostado no Rio foram o CCBB e o Museu do Paço. Num clima de entrosamento amoroso em que me vi poucas vezes na vida, chegamos ao meu apartamento, mas, logo que saí do banheiro, já a encontrei mudada, tensa, o que rapidamente evoluiu para ela ficar contendo o vômito e chorando, dizendo que ela é sempre assim, que, sempre que ela gosta de alguém, ela estraga tudo ficando nervosa e que ela estava gostando muito de mim e por isso estava se sentindo enjoada; então vomitou em cima do sofá com capa branca uma mistura de nhoque e vinho, o que me aterrorizava porque me parecia que ela estava vomitando sangue, se bem que o pior foi quando ela, ofegante de ansiedade, começou a dizer que ia desmaiar; em vista do que, liguei para o Roberto, que, por sorte, não só estava acordado, mas chegando de um atendimento no hospital e que, ao ser apresentado à Mariana, que imediatamente lhe disse que estava nervosa e quase desmaiando porque gostava de mim, logo pegou uma sacola

plástica de supermercado e falou para ela respirar dentro dela, o que a fez melhorar da sensação de fraqueza e da iminência de desmaiar; além disso, lhe deu um dos meus Lexotan 6 mg, que ela inicialmente quis recusar dizendo que calmantes faziam mal a ela, mas Roberto, sem dar conversa, disse que o médico era ele e era para ela tomar; nisso eu já havia retirado as capas manchadas de vômito com vinho e todo o ambiente voltou a ter um clima de normalidade, a não ser pela Mariana se dizer envergonhada e repetir que havia estragado tudo, que ela era sempre assim, que ela ficava nervosa, que era uma coisa física, mas eu garanti a ela que para mim estava tudo bem e deitei a cabeça dela no meu colo e a fiquei acariciando. Mais uma vez ficava adiada nossa transa. O Roberto não estava com pressa nenhuma, apenas esperava ser chamado novamente ao hospital para realizar alguma ressonância que, pelo que ele disse, poderia muito bem ser realizada no dia seguinte, mas o médico, sendo particular, queria mostrar serviço à família e estava insistindo que o exame fosse feito ainda à noite, ou seja, de madrugada; assim, ficamos conversando sobre os planos para as férias; foi também quando ele aproveitou para, de novo, me tranquilizar de que a minha irmã havia reagido bem ao tratamento iniciado, o que, mais uma vez, me fez retornar às minhas dúvidas quanto àquelas palavras que ainda me soavam enigmáticas: “granulomatose de Wegener”, que, no hospital, ouvi pela primeira vez da boca do Roberto quando ele me explicava que, no caso da minha irmã, era esta doença, embora relativamente rara, que ele suspeitava como a mais provável e que só seria diagnosticada com certeza por meio de uma biópsia transtorácica, para que uma porção mais extensa da região alterada pudesse ser retirada, o que, diferentemente, não seria necessário – podendo-se então fazer uma biópsia com uma agulha – se a suspeita fosse de câncer. Depois, porém,

decidiram que apenas a biópsia de uma ferida na mucosa nasal era suficiente para estabelecer o diagnóstico e iniciaram o tratamento com uma pulsoterapia com corticóides. Em mim, as palavras “granulomatose de Wegener” continuavam ressoando misteriosas. De fato, há muitas doenças para além do câncer e da tuberculose. Fiquei temendo que eu fosse ficar mais hipocondríaco ainda, pensando incessantemente também nessas doenças, mas o que me acometeu foi um sentimento de impotência diante da minha ignorância: fiquei pensando que, após tantos anos estudando Kant, não era capaz de fazer nada de útil com esse estudo, enquanto o Roberto podia levantar a hipótese diagnóstica de uma doença rara. O que seria mais difícil: comentar a Dedução Transcendental ou fazer o diagnóstico de granulomatose de Wegener? “Mas, Vítor, fica por ora tranqüilo, ela reagiu muito bem à medicação.” Vendo a minha preocupação com a minha irmã, a Mariana deixou de lado todo seu nervosismo, de modo que, quando o celular do Roberto tocou novamente e ele se foi, eu e a Mariana fomos para a cama e, antes de dormirmos, transamos brandamente, sem grandes performances, talvez mais para que nos sentíssemos finalmente íntimos e namorando do que pelo prazer em si do orgasmo, que, pelo que me lembro, nem chegou a me deixar ofegante; ela provavelmente nem gozou, mas estava sorrindo quando adormeceu; eu é que me levantei para, mais uma vez, ler na internet sobre a *Wegener’s granulomatosis*, o que me levou a concluir que tudo o que me fora dito era coerente. Curiosamente, ao contrário do que me acontece quando ouço falar em câncer, essa doença não captou minha imaginação, de modo que nem eu me imaginava tendendo a contraí-la nem imaginava que ela fosse, em minha irmã, evoluir deletериamente: sentia-me confiante no sucesso do tratamento; porém, a imagem do pulmão da minha irmã com um buraco – tal como eu vira nos sucessivos cortes da

tomografia – retornava logo que eu fechava os olhos tentando adormecer, de modo que, acompanhando a Mariana, também me decidi por tomar um Lexotan.

Com satisfação, a Catarina mostrava as fotos da viagem que ela e o Augusto fizeram à Fernando de Noronha em um navio, no qual ficaram hospedados e de onde partiam para diversas excursões, sobretudo para mergulhos nos quais observavam os peixes mais curiosos e coloridos: a paisagem era estupefata e sempre ou um ou outro aparecia sorridente e queimado de sol nas imagens que iam se formando na tela de cristal líquido do computador. Ao que me pareceu, a Catarina é que, depois de ter se exaltado com meu namoro com a Mariana, para desfazer o mau jeito, havia insistido em nos convidar para um jantar, para o qual levamos também a Vanessa, amiga da Mariana, estudante de Letras, ou mais especificamente de Teoria Literária, que logo após o jantar se pôs a conversar com o Augusto sobre a tese dela em que ela comenta a *Experiência Interior* de Bataille, um livro do qual o título o Augusto disse apreciar particularmente por lembrá-lo de uma brincadeira semelhante feita por Erasmo, que maliciosamente decidiu chamar um livro seu de *Linguae de uso et abuso*, o que seria *O uso e o abuso da língua*, mas a Vanessa pareceu de início não entender que o livro de Bataille também pudesse ter seu título lido eroticamente, o que, porém, logo que compreendeu o duplo sentido, ela considerou bem apropriado, embora ela reconhecesse que sempre havia lido Bataille com uma seriedade que não lhe permitia ver esse tipo de coisa, se bem que, segundo ela, nada é mais batailleano que a transgressão implicada nesse duplo sentido do título; a partir daí, no entanto, ela continuou, num elã um tanto ao quanto excessivo, monologando sobre a questão da literatura como êxtase, o que para mim é uma tolice, mas que preferi não contestar, deixando para o Augusto, numa tentativa vã de

interromper o arrebatamento da moça, interpor algumas observações, de modo que os demais não se irritassem com a Vanessa, o que ele fez ao se referir novamente a Erasmo que, segundo ele, nutriria uma grande desconfiança a respeito de êxtases por demais intensos, propondo, de certa maneira, um êxtase brando que seria compatível com uma vida sem rigores fanáticos na conduta e sensatamente orientada pelo razoável, tendo sempre em vista os limites da finitude humana, o que a Vanessa ignorou totalmente, sempre ainda enlevada pelo que seria uma ascese da transgressão que Bataille supostamente proporia, e ela, aparentemente, acreditava praticar. Não consegui perceber qual seria o método no delírio dela, mas sua verborragia me fez pensar que a disciplina que se obtém no estudo sistemático dos textos de Kant é um ganho importante, ou mesmo essencial, na formação de um pensador crítico e que o desvario emocional e verbal que a Vanessa demonstrava, algo a meu ver somente possível para quem se submeteu ao desregramento conceitual e à aleatoriedade das leituras da Teoria Literária, era fulgurosamente inconseqüente, era puro ouro-de-tolo; enfim, se eu andava irritado com um rigorismo que me parecia estéril entre alguns dos meus colegas de filosofia, depois desse destrambelhamento mental da Vanessa, reconsiderarei que talvez seja de fato uma tarefa importante para quem é formado em filosofia pôr um pouco de ordem nas argumentações, buscando assegurar uma região na universidade – e no mundo – onde as pessoas possam aprender a pensar de um modo do qual os humanos possam se orgulhar. Mas Augusto assistiu o paroxismo batailleano da Vanessa com feições indecifráveis, não expressando nem aversão nem atenção, nem incômodo nem acolhimento, se interveio em um momento ou outro, foi apenas para cumprir seu papel social de anfitrião, não por qualquer interesse especial: se a Vanessa estivesse divagando sobre a extinção dos

gorilas africanos, sua conduta teria sido a mesma; evidentemente, ele não pretende mais mudar nem o mundo nem uma pessoa que seja, ou mesmo uma opinião que seja que alguém expresse; talvez ele esteja profundamente cansado de tolices, sobretudo da tolice de tentar convencer alguém. Foi quando me dei conta de que eu não! Eu ainda teimo e quero resistir a esse sentimento de desengajamento. Será que é para isso que ele esteve escrevendo literariamente, para desengajar-se dos processos sociais de mudança e para promover ainda mais o desengajamento de outros colegas seus?

Dirigindo para Barra de São João, buscava reestruturar as prioridades da minha vida. Primeiramente, avaliava o quanto não só a morte recente do meu pai, mas todo o tempo em que ele ficou em coma, me afetara, fazendo-me sentir desautorizado a viver, já que meu pai nem vivia nem morria e como que, em sua indefinição entre a vida e a morte, me gerasse uma instabilidade em todos os sentidos da vida, de modo que, com ele morto e enterrado, as coisas voltavam a sua ordem, e eu, enfim, podia – fazendo seu luto (no que o inventário, essa peça literária jurídica, em muito contribui, tal como se eu precisasse da sentença de um juiz para me sentir livre para prosseguir a minha vida, desfazendo-me do meu pai, do nome do meu pai, apagando-o em todos os IPTUs) – recompor meus objetivos. Se estudar Kant era um propósito que agora se encontrava como algo esvaziado, minha disposição para investir, minha gana de ler e escrever sobre algum outro autor argumentativo se mostrava novamente aguçada. Conseqüentemente, com a casa em Barra de São João já vendida e eu indo lá apenas para pegar algumas coisas na casa (um aparelho de DVD, a televisão e as panelas, que eram da minha irmã), a vida com eu sendo o pai supremo – sem mais nenhum ancestral vivo – se iniciava; e eu estava me sentindo pronto para isso. Além disso, se ainda me

assombrava um sentimento de falta de sentido, estava certo que, após esta breve viagem, eu estaria me sentindo apto a dar, eu mesmo, sentido à vida pela qual eu me decidir viver. E foi com esse ânimo renovado e firme que me mantive sereno diante do sofrimento humano do qual o velho Vicente me parecia um testemunho. Depois de cumprimentar-me, ele me disse com uma tentativa de sorriso: “É a primeira vez que vou ao Rio de Janeiro”, e, sob o chuvisco, veio comigo até a casa. Enquanto eu punha as coisas no carro, ele permaneceu na varanda, olhando a ponte desabada. Quando me sentei a seu lado em silêncio, ele continuou calado, com o olhar desfocado voltado em direção à ponte desmoronada, da qual ele estava se despedindo para sempre. A irreversibilidade da vida me doía. Para mim era incompreensível que ele nunca mais fosse ver aquela ponte, que há tantos anos ele olhava todos os dias. Quando fomos pegar a bagagem dele, havia uma pequena multidão que o esperava para a despedida: muitos choravam e o abraçavam. Eu só pensava que ele nunca mais voltaria ali. De início, sua bagagem, apenas duas malas pequenas, me pareceu melancólica, mas quando algumas daquelas pessoas, os homens mais fortes, vieram descendo a escada com uma máquina de lavar roupa fora da caixa mas ainda envolta no plástico da loja, de um modelo mais sofisticado e caro que a que eu recentemente comprara, tendo até dispositivo para lavar com água quente, entendi que era por causa daquele aparelho branco que minha irmã tinha combinado de eu trazê-lo para o Rio, senão ele poderia ter vindo de ônibus, o que, porém, não me fazia sentido era por que havia ali aquela máquina nova. Se uma bagagem de apenas duas malas me parecia pouco para resumir o sentido da existência do velho Vicente, decorrida ali por quase 80 anos, agora, vendo aquela máquina de lavar high-tech, me sentia impotente e confuso por esse excesso semiótico grotesco para delinear um sentido

para aquela vida de caseiro, pescador e barqueiro. Quando entrei com o carro na estrada, ele me disse que a única coisa que o deixava triste na vida é não ter mais notícias do filho, que há quase vinte anos tinha ido para São Paulo. Seguimos em silêncio, com a chuva caindo forte. Não perguntei sobre a máquina porque achei que era prepotência minha querer apreender o sentido da vida do velho Vicente: ele me parecia ter, tanto quanto eu, o direito a ter uma vida irresumível, ainda que ele aparentemente não buscasse estilizar essa inconclusão (ou mesmo que ele, descurando dela, a sacrificasse a algum Deus). Também não lhe perguntei sobre a saúde: ele não parecia doente. Quando chegamos, a filha dele o esperava com o marido e mais alguém em uma Kombi em frente à portaria do prédio. Depois que a máquina de lavar foi posta na Kombi, apertei a mão do velho Vicente, entendendo que seria pela última vez. Aquele aperto de mão me dava a sensação de que algo ficara incompleto, incompreensível. Em casa, sentado na poltrona do meu escritório, entendi que eu é que me sentira apertando a minha própria mão, tal como se eu estivesse me deixando sem entender o sentido da vida que eu vivera; e o que mais me parecia curioso é que, apesar da forte sensação de que as coisas à minha volta fraquejavam em fazer sentido, estava mesmo assim tranqüilo tal como se tudo tivesse um sentido sólido, tal como se eu em breve, quem sabe, já ao me levantar da poltrona, fosse encontrar tudo à minha volta placidamente pleno de sentido e nunca mais fosse me ocorrer perguntar pelo sentido de tudo aquilo ou de qualquer outra coisa. Assim, se a sensação de estranheza serenamente persistia, também fazia parte dela a impressão de que ela mesma me era estranha e que, por isso, logo cessaria.

Chegando em casa com a Mariana, vindo do jantar na casa do Augusto, me sentia mal-humorado, o que não posso dizer que me desgoste, já que o mau humor me faz sentir com

força vital, com disposição para enfrentar seja lá o que for que estiver estorvando o que me pareça importante de ser vivido; afinal, acho que é virtuoso saber perder a paciência com o que é medíocre ou falsamente sofisticado. Minha ira se voltava contra o Augusto. A Mariana tinha vindo no carro comentando com admiração a coragem dele de se demitir, pois, no fim das contas, a universidade é mesmo cheia de carreiristas chatos. Ao chegar, me pus a fazer um chá para nós, buscando assim produzir esse evento que tanto aprecio: conversar pela madrugada adentro. Enquanto a Mariana, não sei por quê, se demorava longamente no chuveiro, pude, ao bebericar o chá, relembrar uma outra conversa noturna, que ironicamente foi para mim consoladora, embora agora me fosse até difícil de imaginar como ela foi possível, e que ocorreu quando, na semana do concurso sobre Kant, depois de haver transado com a Maria Cristina, entrei num processo de estranhamento semelhante ao que senti quando retornei da viagem à Barra de São João, se bem que o foco irradiador da minha perplexidade de então foi pensar que, embora eu pudesse me lembrar perfeitamente de tudo o que havia ocorrido havia uma hora, sentia que aquela transa com a Maria Cristina não havia acontecido, de modo que eu tive de ir ao banheiro e olhar na cesta de lixo se lá havia uma camisinha com esperma dentro, o que, porém, me pareceu uma evidência insuficiente, já que aquele esperma não provava que eu havia gozado dentro da Maria Cristina, de modo que me pus a procurar pelo apartamento alguma comprovação de que ela tivesse estado comigo ali no quarto e, sobretudo, ali na cama, de modo que examinei minuciosamente os travesseiros e os lençóis tentando encontrar uma peça de roupa ou, até mesmo, um fio de cabelo; em especial, procurei se havia alguma aliança de noivado e, sem ter nada encontrado, duvidei da presença recente dela, da relação sexual e também do noivado, o que,

assim em pareceu, seria uma mentira, ou mesmo uma invenção minha. Foi quando, para interromper aquela busca ridícula por provas do que havia acabado de acontecer, e de acontecer com a minha participação, liguei para o Gustavo para conversar com ele sobre a morte próxima do avô e quem atendeu foi a Marta, que, num humor acolhedor, me contou que ele havia saído com uma namorada, que ele estava muito mais calmo desde que começara a namorar aquela menina e que havia até conversado com ela que seria melhor cursar o terceiro ano no Colégio Paulo Honório para que ele tivesse mais chances de passar para medicina, o que a havia espantado, e que também me espantava, pois ele nunca havia conversado sobre sua opção profissional e agora se mostrava com a profissão escolhida e entusiasmado para enfrentar um vestibular difícil, de modo que não só a Marta se mostrava feliz de falar sobre o nosso filho, mas também feliz de falar comigo, o que nos motivou a recapitularmos a vida do Gustavo e a avaliarmos se ele seria ou não um bom médico e se ele gostaria mesmo ou não de estudar medicina, mas, sobretudo quando ela voltou a falar do namoro do Gustavo e que ele havia perguntado para ela se poderia dormir com a namorada lá na casa dela – o que ela autorizou –, senti que aquela minha conversa com a Marta era, apesar da distância, mais erótica do que a transa que eu tivera, ou que eu talvez tivesse alucinado ter tido, com a Maria Cristina, pois, implicitamente, estávamos nos recordando de nossas primeiras transas no começo do nosso namoro, e foi tal o bom entendimento com a Marta naquele telefonema que fiquei com a impressão que uma reconciliação seria possível, o que, porém, se mostrou uma outra irrealidade, pois, ao encontrá-la no Rio, após o enterro do meu pai (ao qual ela não foi), ela veio logo falando que, se eu ia receber mais dois aluguéis de renda, então eu teria que dar para ela uma pensão bem maior,

sobre o que eu apenas disse que isso era um assunto para nossos advogados conversarem, o que a deixou furiosa porque ela dizia que eu não estava sendo razoável já que era óbvio que, se eu ganhasse mais, eu teria que dar mais dinheiro para ela. Contudo, apesar de a Marta ter passado a me odiar, é inegável que aquele telefonema promoveu entre nós, por um breve tempo, uma conjunção afetiva muito maior do que qualquer convergência de sentimentos que possa ter ocorrido entre eu e a Maria Cristina naquela mesma noite. “Será que o chá já esfriou?”, perguntou a Mariana abrindo o bule e observando a fumaça. Ficamos em silêncio tomando o chá até que ela me perguntou se eu, afinal, iria mesmo tentar escrever literatura ou se ia prosseguir somente com meu trabalho em filosofia.

Não senti que estivesse em um momento de decisão, pois me era claro que já havia tomado a decisão. Comecei, então, a contar para a Mariana que, depois das fotos de Fernando de Noronha, quando ela, a Catarina e a Vanessa haviam ido para a cozinha para temperar a salada e esquentar o jantar, o Augusto me perguntou se eu não queria escrever um roteiro para cinema com ele, o que estranhei porque diversas vezes conversamos sobre como a literatura brasileira parece ter hipertroficamente a função de fermentar temas para o cinema ou para novelas, quando não é ela mesma uma chocadora de roteiristas, o que, em conseqüência, nos levava – a mim e a ele – a apreciarmos os livros que, ao menos a princípio, fossem infilmáveis, sobre o que ele, sorrindo, contra-argumentou ponderando que poderíamos roteirizar algum livro infilmável, e que nem precisávamos partir de um livro existente, pois poderíamos roteirizar um livro imaginário, mas que fosse infilmável, traduzindo-o sob uma forma filmável por termos para isso inventado artifícios narrativos imagéticos inusitados, e, então, ele foi pondo sobre a mesa,

certamente a título de argumento e provavelmente para abrandar a minha visível má vontade (afinal, ele sabe que não gosto de ficar discutindo paradoxos estéreis visando criar efeitos de momento a não ser quando bebo uísque e, mais relaxado, me permito me divertir com esse tipo de lero-lero), uma bolsa colorida de ginástica de onde ele, feliz como uma criança em dia de Natal, retirou uma filmadora digital Sony profissional com zoom ótico de 12 vezes, uma belíssima máquina, que me impressionou a ponto de me deixar com vontade de aprender a filmar só para poder usá-la, o que me fez pensar que haveria algo de fálico naquele aparelho, algo revigorador que incitava o espírito empreendedor, ao que busquei resistir porque, em reação, comecei a ver aquela engenhoca tecnológica como um monstrinho sedutor, como uma sereia que faria Ulisses naufragar, sendo que era exatamente a alegria travessa de Augusto que mais me irritava, pois me via levado a me perguntar se ele, afinal, estaria tomado por um fascínio tecnológico hipnótico ou robotizante. Ele se pôs a me mostrar como a maquineta funcionava enquanto me explicava que, primeiramente, ele tinha guardado aquele dinheiro para publicar os livros que ele escrevera e que as editoras espontaneamente não se decidiam a editá-los, mas que, depois, tendo ele desistido de se autofinanciar literariamente, a Catarina passou a planejar pintar o apartamento, contra o que, porém, por uma sugestão do Pedro, filho dele, que trabalha com cinema, ele decidiu comprar aquela câmera por uma pechincha; além do que, o Pedro viria ensiná-lo a usar todos os recursos da câmera, bem como a montar o filme no Adobe Premiere. “Vítor, você também poderia aprender.” Na hora, não disse nem que sim nem que não, talvez tenha apenas assentido com um grunhido não comprometedor, afinal estava tentando entender o significado daquela câmera para uma pessoa como o Augusto

que, por opção própria, largara o emprego, alegando que se dedicaria à literatura – ao que, de fato, tem se dedicado ainda que sem sucesso monetário –, mas que tem capacidade de realizar muitas coisas, ou seja, que certamente não se conformará em ficar parado e que – foi então que isto me ocorreu – provavelmente nunca teve a intenção de ficar vivendo assim sem uma ocupação estruturante e rentável, ou seja, talvez toda essa história de ficar vivendo da renda de aluguéis seja apenas uma encenação de radicalidade – ou, na sua vida, apenas uma fútil citação pós-moderna daqueles herdeiros ou herdeiras dos romances vitorianos –, pois ele sempre esteve foi buscando encontrar uma outra atividade mais de acordo com seu potencial, de modo que se pode entender que, se ele se demitiu da universidade, foi porque trabalhar nesses prédios decrépitos com pintura descascando e sem infra-estrutura de informática ou de biblioteca, aturando colegas de departamento que lhe pareciam grosseiramente obcecados com aumentar o currículo e ser promovidos na FUNPE, além de cada vez mais incapazes de se deliciarem com a cultura e suas piruetas, não mais lhe parecia à altura de como ele se via enquanto pessoa refinada e, por que não?, elitista; enfim, a meu ver, o Augusto não suportou a proletarização da intelectualidade acadêmica através de um sistema de produtividade com metas planejadas e de exigências *ad hoc* para ajustar a demanda ao orçamento; contudo, essa é a realidade, e há ainda que se considerar que ele é preguiçoso, não querendo e não se esforçando para se adequar a essa competitividade, de fato, tola; então, que ele faça isso mesmo que ele fez: que saia da universidade!; mas também que não fique por aí dizendo para os outros serem escritores; afinal, escrever literatura não me serve para nada, não melhorou em nada minha insônia; se alguma coisa melhora minha insônia, é a vida me trazer menos problemas; ele diz que os acadêmicos

não têm mais atividade crítica, que eles vão em busca de um filão temático, trabalhando no qual eles possam produzir *papers* e ir a congressos; mas o que é melhor: ir a congressos ou ficar – feito ele faz – viajando por aí como um mero turista? Assim, ainda que me soando como uma hipótese refutável, na tentativa de entender a presença daquela filmadora formei a idéia de que o Augusto, tendo desistido não só de escrever romances, mas – como suponho – também de investir em uma editora, agora pensava em trabalhar com mídia de imagem e que se preparava para isso, quem sabe, até planejando se associar com o filho em uma firma. “Mas ele tem dinheiro para abrir uma firma?”, perguntou a Mariana. De fato, o Augusto fala como se o dinheiro dele fosse contado – assim, ele estaria realocando o dinheiro da pintura do apartamento para comprar uma câmera de segunda mão –, mas eu achava, ainda que pudesse ser mera fantasia, que ele tem dinheiro fora do país – ao menos tenho a impressão de que há muitos anos atrás, no tempo do doutorado em Berlim, ele me disse que o pai dele tinha dinheiro na Suíça –, de modo que, com o câmbio atualmente tão desfavorável, ele teria, se sabe dar valor ao dinheiro, que esperar para investi-lo aqui, não podendo por ora nem se associar a uma editora, nem a uma produtora; de toda a forma, talvez ele, por coerência, para não ser eurocêntrico, tenha transferido o dinheiro da Suíça para um outro lugar, talvez ele tenha preferido ser caribecêntrico ou caymanocêntrico, mas estou quase certo de que ele tem este dinheiro, que ele tem essas cartas na manga, de modo que eu tenho de me cuidar: não posso ir na conversa dele, pois eu, embora entrando na posse do que era do meu pai, agora tenho, além do apartamento onde moro, ainda mais dois apartamentos, aliás, dois bons apartamentos de três quartos, que, somados, me rendem – o que é vergonhoso para a universidade – mais do que o meu salário de professor

adjunto, mas, já que com meu salário não chego a pagar as minhas contas (condomínio, seguro-saúde, pensão para o meu filho, etc.), na verdade, para viver, preciso de juntar meu salário com os aluguéis, me sendo os dois indispensáveis, ou seja, minha situação não é nem de longe tão confortável como a do Augusto e seus nove apartamentos. “Então você não pode ser tão radical quanto ele!”, me disse a Mariana, o que me pareceu ser uma ironia. Sentindo que ela estava em sintonia com o que vinha dizendo, relaxei e deixei meu mau humor me levar. Da proposta de escrever literatura se opondo ao que se passa no cenário literário em que vivemos eu gosto; de fato, com base nos livros que li, concordo que – excluindo a poesia, que não leio e me irrita – o que podem chamar de literatura brasileira contemporânea é um mercado complementar ao dos best-sellers internacionais, que são importados pelas grandes editoras, das quais uma a uma está sendo comprada por grandes editoras estrangeiras, de modo que fica reservado para os brasileiros escrever sobre o que é peculiar daqui, o que resulta em romances que naturalizam a violência urbana ou contribuem para que a sociedade se adapte a novos costumes, em especial, à mudança na sexualidade e, sobretudo, à do papel da mulher, sendo que, às vezes, ainda aparece um ou outro professor universitário para escrever romances no inconfundível gênero professor-universitário-posando-de-literato-pós-moderno, ou seja, professores que, enfim, teriam vindo para trazer ares inovadores para a província: a meu ver, também uns embusteiros.

Como vi que estava me exaltando, discretamente tomei um Lexotan, mas a Mariana, também buscando melhorar o meu humor, contou da vontade da Catarina em ter um cachorro, o que ela não pôde fazer até agora porque eles estavam sempre viajando; daí a Mariana ficou falando quase

meia hora de cães e gatos. Então, mais calmo, expus a ela que eu havia tomado algumas decisões sobre minhas atividades profissionais: na última semana, havia trocado e-mails com o professor Richard S. Winter III, junto a quem planejo fazer meu próximo pós-doutorado, que, embora o projeto – para que a transição seja aparentemente gradual – deva ainda fazer referência a Kant, será, no entanto, na prática, principalmente sobre Wittgenstein, um autor com o qual o Winter trabalha e que passou a me interessar ainda mais – digamos, incontivelmente – desde quando, por acaso, li um artigo sobre o solipsismo no Marlow do *Heart of Darkness* e no Wittgenstein do *Tractatus*, o que também me fez pensar na questão da narrativa nas *Investigações Filosóficas*. Não vou mais escrever nada de literário. Voltarei à filosofia, ainda que possa comentar alguma coisa sobre a narrativa em textos filosóficos; porém, discutirei principalmente questões referentes a temas reconhecidamente wittgensteinianos como a linguagem privada ou o seguir uma regra. Minha contribuição, como sempre, será essencialmente a de que, por um exercício rigoroso de leitura, venhamos a ser argumentativamente – e não arrebatada e descontroladamente – críticos. Minha grande mudança será, portanto, deixar Kant e aderir sóbria e analiticamente a Wittgenstein. Enfim, é isso que quero!

Assim, depois de vários meses de inquietação e angústia, senti-me, por fim, mais dono da minha vida e, portanto, mais tranqüilo, deleitando-me – temporariamente liberto do meu mau humor – com uma saborosa conversa madrugada adentro.